

**Mestrado Antropologia - Culturas Visuais**

Relatório de Estágio de Mestrado

**Centro de Memórias do Museu Sporting C. P.**

Orientação FCSH-UNL - Catarina Alves Costa

Orientação Museu Sporting C.P. - Isabel Victor

Mestrando - David José Moço Felgueira nº 37659

Setembro de 2018

Lisboa

“(...) parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais (...)”

(NORA: 1993 in JANTSCH: 2014, p. 102)

## **Resumo**

Enquanto Mestrando do curso de Antropologia – Culturas Visuais, da Faculdade Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, o trabalho de estágio por mim desenvolvido responde ao desafio que me foi proposto pela direcção do Museu Sporting de criar um Centro de Memórias no âmbito do seu projecto de valorização e interligação do património material e imaterial do Sporting Clube de Portugal e da sua ampla comunidade de desportistas, sócios e adeptos espalhados por todo o mundo.

Tendo por base a recolha de testemunhos – registo audiovisual – propusemos abordar, com recurso à memória, os processos de construção identitária e representação, temáticas relacionadas com o clube e o seu património cultural – material e imaterial – a identidade sportinguista, os seus símbolos, vivências e ritualizações, as formas de contar e transmitir sentimentos.

De forma a delimitar o objecto de estudo - o seu campo de aplicação - e conseguir em tempo útil descrever a cadeia operatória, desde a recolha à construção e apresentação de uma narrativa coerente em contexto museológico, focamo-nos ao caso prático da exposição temporária *A sorte dá muito trabalho* sobre o professor Mário Moniz Pereira. Para esta contribuíram as recolhas de testemunhos de ex-atletas, amigos e família, sobre o “Senhor Atletismo”, o grande impulsionador e treinador da modalidade em Portugal e no estrangeiro. Uma vida dedicada ao desporto, ao Sporting e a Portugal. Uma figura ímpar, muito além do seu tempo.

## **Palavras Chave:**

Antropologia – Culturas Visuais - Centro de Memórias – Museologia – Património Cultural – Património Imaterial - Mário Moniz Pereira - Sporting Clube de Portugal

**Nota:** Por opção, este relatório é redigido com o anterior acordo ortográfico.

## **Abstract**

As a Master of Anthropology - Visual Cultures, Faculty of Social and Human Sciences - Universidade Nova de Lisboa, the traineeship I have developed responds to the challenge presented to me by the management of the Sporting Museum to create a Memory Center within the framework of its project of valorization and interconnection of the material and immaterial heritage of Sporting Clube de Portugal and its wide community of athletes, members and fans spread all over the world.

Based on the collection of testimonies - audiovisual register - we have proposed to address, through memory, the processes of identity building and representation, themes related to the club and its cultural heritage - material and intangible - sporting identity, its symbols, experiences and ritualizations, the ways of telling and transmitting feelings.

In order to delimit the study object - its field of application - and in a timely manner to describe the operative chain, from collection to construction and presentation of a coherent narrative in museological context, we focus on the practical case of the temporary exhibition A Luck gives a lot of work on the teacher Mário Moniz Pereira. For this, the testimonies of ex-athletes, friends and family contributed to the "Lord Athletics", the great promoter and coach of the sport in Portugal and abroad. A life dedicated to sport, Sporting and Portugal. An odd figure, far beyond his time.

## **Keywords:**

Anthropology - Visual Cultures - Memory Center – Museology – Cultural Heritage – Intangible Heritage – Mário Moniz Pereira – Sporting Clube de Portugal

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar quero agradecer a toda a minha família - em especial aos meus pais - a possibilidade que me proporcionaram, pois sei que não tiveram essa mesma oportunidade de ingressar no ensino superior. Graças a eles cheguei até aqui, cresci, formei-me academicamente e adquiri valores que guardarei para toda a vida. Não foi fácil, mas conseguimos.

Em segundo, agradeço ao meu grupo de amigos todos os serões passados a estudar, a fazer trabalhos, ou simplesmente a espairer as “ideias”, pois todos esses momentos contribuíram para o meu sucesso académico. Agradecimento especial ao meu fiel companheiro de “luta” André pelos mais de cinco anos em comum, pois foi sem dúvida o meu maior apoio dentro e fora da Academia, e possibilitou-me chegar até aqui com a mesma motivação inicial.

Agradeço a todos os professores da FCSH-UNL que contribuíram para a minha aprendizagem, em especial à professora doutora Catarina Alves Costas que muito me inspirou, pela aceitação e disponibilidade despendida na orientação do meu estágio, sendo a minha maior referência no campo visual.

À Isabel Victor, directora do Museu Sporting e coordenadora do estágio, agradeço a aposta no meu trabalho, desde o dia da entrevista até ao último dia de estágio, sempre acreditou nas minhas capacidades, sempre me deu total autonomia e esteve sempre presente para discutir ideias, metodologias ou simplesmente falar a sociedade em que habitamos.

A toda a equipa do museu um enorme obrigado, pois acreditaram em mim e fizeram com que os seis meses de estágio passassem rápido e me deixassem muita saudade na hora da despedida. Agradecimento especial ao Miguel, que de meu colega de secretária do museu, rapidamente passou para um amigo para a vida.

Foram seis meses numa recta final de mestrado que representaram cinco anos de ensino superior, de trabalho árduo e enriquecedor. Espero ter honrado todos aqueles que acreditaram em mim, assim como a minha instituição ensino e o local de estágio.

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>7</b>
<b>Museu de Clubes .....</b>	<b>9</b>
<b>Museologia dos Afectos .....</b>	<b>12</b>
<b>Usos da Memória: .....</b>	<b>16</b>
<b>Passado .....</b>	<b>17</b>
<b>Presente .....</b>	<b>19</b>
<b>Futuro .....</b>	<b>20</b>
<b>Centro de Memórias.....</b>	<b>22</b>
<b>Discussão Teórica .....</b>	<b>30</b>
<b>O Caso Prático .....</b>	<b>38</b>
<b>Recolha - História Oral.....</b>	<b>40</b>
<b>Gravação e Edição de Audiovisual (Software).....</b>	<b>44</b>
<b>Local de Estágio.....</b>	<b>44</b>
<b>Apresentação dos resultados obtidos.....</b>	<b>46</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>48</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>51</b>
<b>(1) - Vida e Obra de Mário Moniz Pereira .....</b>	<b>51</b>
<b>(2) - Fotografias da sala de exposições temporárias do Museu Sporting. ....</b>	<b>59</b>
<b>(3) – Frames retirados dos testemunhos presentes na exposição. ....</b>	<b>62</b>
<b>(4) - Panfletos relativos às exposições sobre Mário Moniz Pereira.....</b>	<b>65</b>

## Introdução

Enquanto aluno de Mestrado de Antropologia em Culturas Visuais - licenciado em Antropologia - o trabalho de estágio desenvolvido no Museu Sporting incidiu na criação do Centro de Memórias do museu, algo que até à data não existia e que tem como objectivo a envolvência da comunidade de atletas, sócios e adeptos do Sporting C.P. nos processos de recolha, patrimonialização, e na vida do museu, com vista ao reforço da identidade, aumento da cultura desportiva e da responsabilidade social na defesa dos valores e na coesão do clube. O Centro de Memórias prima pelo o diálogo entre gerações e partilha de emoções, resultando num centro da acção continua.

A actual direcção do museu, com o foco na Museologia Social e nas correntes da Nova museologia, apostou no seu forte património imaterial como forma de fazer falar o seu património material existente. Milhares de objectos, troféus e adereços aguardam pacientemente nas vitrinas e reservas do museu por alguém que lhes devolva a sua “voz”, perdida no momento em que estes objectos mudaram de mãos e chegaram ao museu. Para isso efectuamos quantidade de recolhas que consideramos relevantes para o nosso objecto de estudo, testemunhos-chave sobre Moniz Pereira.

De modo a que esta pesquisa não perdesse o foco por entre mais de 110 anos de história do clube, nem se perdesse por entre os seus acontecimentos históricos, concentramo-nos então no caso práticos em que a equipa do Museu Sporting iria começar a trabalhar a quando da minha chegada – a exposição de homenagem ao professor Mário Moniz Pereira, ilustre figura deste clube e do desporto nacional. Contudo, não só de recolhas se fez o meu trabalho, pois outras das tarefas fundamentais foram a preservação, organização e, por conseguinte, a divulgação destes testemunhos.

Este “cofre de memórias” tem como objectivo assegurar no presente a preservação do passado e a sua projecção no futuro, possibilitando a consulta de toda a informação recolhida sobre a história do clube e sua identidade, mas também as histórias das pessoas que pelo clube passaram – atletas, dirigentes, adeptos - e ajudaram a construí-lo de várias formas e a múltiplas vozes. O passado pode até ser um país estrangeiro como afirma David Lowenthal (1998), um mundo de marcos históricos palpáveis e memoriais. É para que esse passado não se perca e não se afunde como *Atlântida* no fundo do esquecimento, como uma lenda, que é importante aqui relembrar

que os objectos são passíveis de se deteriorarem e desaparecerem, tal como a nossa memória. É possível recriar objectos, réplicas fiéis ao original - como trofeus ou até mesmo o antigo piano de Mário Moniz Pereira presente no Museu Nacional do Desporto<sup>1</sup> - mas no caso da memória, isso não é possível.

Sobe a orientação de Catarina Alves Costa<sup>2</sup> docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e de Isabel Victor<sup>3</sup> responsável do Museu Sporting, tive a oportunidade de ter uma orientação focada em duas vertentes que ajudaram a completar o meu trabalho: o lado Antropológico na recolha de saberes apoiada nos meus informantes e nos seus discursos aliado às Culturas Visuais, que me permite não só utilizar material visual na pesquisa mas também desenvolver aspectos práticos e metodológicos ligados ao audiovisual e à fotografia, bem como produzir conhecimento próprio a partir de material produzido por outrem. Um exemplo deste tipo de material é o emblemático filme do arquivo da RTP filmado por Armindo Mendes – uma das pessoas com quem trabalhei no Centro de Memórias - da viagem histórica que Sporting Clube de Portugal fez à China em 1978 que foi mais do que um mero encontro desportivo, foi um encontro diplomático entre Portugal e a China, do qual resultou um laço de amizade que perdura há já 40 anos. A segunda vertente foi-me dada por uma orientação na área da Museologia e Sociologia, uma museologia social que prima pela inclusão das pessoas na sociedade e no interior dos museus, que permite que as pessoas tenham voz activa no museu e façam parte deste, não de forma acessória, mas antes como uma ponte de múltiplos interesses em comum, uma ponte entre o passado e o presente que dignifique, ao mesmo tempo, o clube e a sua comunidade.

Para além da vertente prática e criativa do meu trabalho, na recolha de testemunhos orais e sua gravação audiovisual, pude também efectuar trabalho de pesquisa no Centro de Documentação do clube que por entre milhares de fotografias, imagens, livros e documentos históricos me permitiu abranger o máximo número de

---

<sup>1</sup> Exposição Sala Moniz Pereira presente no Museu Nacional do Desporto. Nesta exposição foi recriada a sala de trabalho de Mário Moniz Pereira, que por entre milhares de apontamentos, documentos, fotografias e *Cd's*, podemos também encontrar uma réplica do seu piano.

<sup>2</sup> Catarina Alves Costa – Antropóloga e docente na FCSH-UNL, com mestrado em Antropologia Visual pelo *Granada Centre for Visual Anthropology* da Universidade de Manchester, é uma importante investigadora científica, realizadora de filme etnográfico e documentário.

<sup>3</sup> Isabel Victor – Com mestrado em Museologia pela ULHT, foi durante 15 anos directora do Museu do Trabalho Michael Giacometti, directora do Departamento de Museus da Rede Portuguesa de Museus, coordenadora do Convento de Jesus em Setúbal, e actual Directora do Museu Sporting.

informação possível sobre o Sporting, as suas gentes e o meu caso prático. Em algumas situações, efectuei também pesquisas em locais externos aos Sporting, como o Arquivo RTP, Museu Nacional do Desporto e Jornal *Record*.

### **Museu de Clubes**

Em vários países, tal como em Portugal, existe todo um trabalho a desenvolver no que à divulgação e também à aceitação por parte da comunidade museológica e da sociedade em geral diz respeito dos museus de clubes. Através de uma breve pesquisa, quer seja pela internet quer seja em postos turísticos, podemos aferir que em Portugal os principais museus, como sugestão a visitar pelas agencias turísticas e culturais, são os museus “clássicos” ou seja, os museus de arte, os museus de história, que se assumem como museus eruditos, muitas vezes vistos como “mais reais” e imparciais, mas que na verdade são apenas o reflexo daquilo que o público está preparado ou quer absorver.

A falta de informação referente a museus clubísticos ou de desporto tem por base a ideia pré-concebida de que estes locais não são reprodutores de cultura, que são locais de propaganda ideológica, neste caso concreto clubística. Nenhum museu é imparcial, diz Isabel Victor. Todos os museus são o resultado de algo que aconteceu, de processos e transformações sociais. Cabe assim aos museus, através de factos verídicos, de questões históricas e identitárias, ou seja, das pessoas, revelar a sua própria verdade pois como sabemos não existe apenas uma verdade absoluta, mas a verdade de cada um. “Nenhum museu é neutro, nem tem que ser” como me afirmava Isabel Victor. Cada museu é, portanto, o resultado da sua própria construção cultural e social em que este se insere, e, desse modo, não devemos alterar ou esconder seja o que for. O museu existe, é resultado de um processo e é esse processo que nos ajudará a perceber a sua mensagem. Isabel Victor refere por diversas vezes que a principal função do museu é interagir e servir para nos pôr a pensar, para nos levantar inquietações e questionamentos. Se o museu não cumpre essa função fundamental, então esse museu não serve para a vida, é apenas algo decorativo e formatado.

Ao contrário do que se possa pensar, no seio dos museus de clubes tem sido adoptado novos métodos e novas preocupações sociais, bem como desenvolvidas novas

ferramentas de trabalho. Se no início estes museus eram meramente salas de troféus<sup>4</sup> sem possuir qualquer serviço museológico, actualmente existem vários cuidados, tais como o de garantir boas acessibilidades para pessoas com deficiência, preocupação de inclusão social, preocupação de interacção entre os seus próprios serviços - serviço educativo, Centro de Documentação, Centro de Memórias, conservação e restauro, serviço de exposição, inventário e divulgação. Isto prova que estes museus estão atentos às necessidades não só do clube, mas também da sociedade e podem não só, ser um reflexo do seu símbolo ou da sua causa, mas também das suas gentes e do local em que se inserem. A consciencialização por parte dos clubes, do valor que os seus museus podem gerar para a própria instituição - uma vez que causam empoderamento - fez com que estes apostassem fortemente nos seus serviços e na mensagem que estes são capazes de passar às pessoas e relegassem para segundo plano o museu como uma fonte de rendimento, apesar dessa vertente ser também um importante factor de análise.

O caso do Museu do Futebol de S.Paulo no Brasil é o exemplo perfeito de um museu que apesar de ser de cariz desportivo, nos conta e explica a história do futebol no Brasil através da sociedade brasileira e do mundo. Este é conhecido por ser o museu da palavra, através do futebol. O seu interior possui mais de 1500 imagens, 6 horas de vídeo que permitem pessoas de todas as gerações e todas as idades comentarem e interagirem entre si. “A gente escreveu assim: o futebol é o campo da palavra. Quem diria que esse museu se tornaria num bla bla bla interminável?” (KAZ: 2008). Este Museu do Futebol não privilegia os objectos patrimoniais - pois só possui um objecto de futebol no seu interior que é a camisola do ícone brasileiro Pelé – mas as emoções, os sentidos e as palavras. Este é um museu interactivo que conta em paralelo a história do futebol, não só no Brasil, mas também no mundo, fazendo ao mesmo tempo uma ligação com os fenómenos culturais e os acontecimentos sociais. O museu fica situado no interior do estádio brasileiro de Pacaembu, na parte inversa da bancada e tem 6.900m<sup>2</sup>. Ainda antes do início do estágio - através do convite de Isabel Victor - acompanhei uma visita técnica recebida no Museu Sporting onde foi possível conhecer Leonel Kaz, que foi curador do

---

<sup>4</sup> O Sporting Clube de Portugal teve a sua primeira sala de troféus na sua Sede da Rua do Passadiço nº86, inaugurada no dia 09 de Junho de 1947.

Museu do Futebol e que nos contou na primeira pessoa, qual o seu papel na construção de conteúdos do museu e qual o papel deste na sociedade. O facto de Leonel Kaz ser um excelente orador, facilita em muito a compreensão da sua visão sobre o Museu do Futebol: “O Museu do Futebol, não é só a história do futebol, é a história da arte, da literatura, da música, contada pela paixão do futebol. A vibração que se sente no estádio, têm de ser sentida dentro do próprio museu, criando questionamentos aos visitantes e despertar as suas capacidades. A função do museu não é aprender sobre a coisa que está lá dentro, é fazer a pessoa aprender sobre si própria através do que vê”.

Ali é o museu que interage com a pessoa. São as pessoas que escolhem o que querem ver, não existe estaticidade. Ali tudo pode acontecer. Ali é possível tocar e sentir. É possível escolher por entre 450 molduras e rodar fotografias (frente e verso), visitar a sala dos trofeus e não ver nenhum trofeu fisicamente (apenas simbolicamente). É possível observar diferentes fisionomias de objectos, tocar e sentir. É possível escolher na sala dos golos quais os golos que querem assistir, à medida que a própria pessoa vai compondo o próprio museu.

“O que a gente quer é simplesmente que a pessoa fique livre aqui dentro e componha o seu museu imaginário, como se cada uma destas peças ou algumas delas pudessem ser levadas para casa. A nossa casa é a nossa memória.” (KAZ: 2008)

Leonel diz-nos que os museus não servem só para celebrar vitórias, mas para celebrar a alma humana. Exemplo disso é a Sala da Derrota existente no museu. Esta sala, tal como a sala das “torcidas”, tem como objectivo o sentir de emoções, despertar os sentidos através da dimensão das salas: umas grandes outras pequenas, umas de cor clara outras com tons escuros, com um jogo de luzes bem vincado, algumas sem som, outras com forte sistema sonoro que permite sentir no peito as vibrações dos tambores das claques. O Museu do Futebol é o museu da experiência, em que o seu principal conteúdo é o seu visitante. Na sua passagem pelo Museu Sporting, Leonel Kaz afirmou ainda que: “Sempre pensamos no Museu do Futebol como o museu da família e não do torcedor, até porque este museu é feito principalmente para quem não gosta de futebol.”

## **Museologia dos Afectos**

Museologia “dos afectos”, é assim que Mário Chagas caracteriza a Sociomuseologia. Uma museologia com enfoque nas comunidades, que não se preocupa em exclusivo com a preservação de objectos museológicos, mas antes de mais com a dignidade humana, pois a cidadania pode e deve ser trabalhada dentro dos museus. Valores como companheirismo e amizade e actos como sentir e pensar só são possíveis numa museologia comprometida com a vida. É preciso chamar a sociedade para contar juntos, uma museologia “com” e não “para” como reforça Mário Chagas. Os grandes museus são importantes, mas sós não produzem transformações sociais. Os museus têm de estar perto dos sentimentos humanos, perto da vida, pois são os pequenos museus que falam com a sociedade, que escutam a sociedade, formando uma união entre a mente e o coração que contamina a vida perto dos sentimentos humanos.

Precisamos recuar até 1972, ano em que ocorreu a celebre Mesa-Redonda de Santiago do Chile do ICOM para percebermos quando ocorreu uma mudança do enfoque da museologia “tradicional” e se percebe o papel fundamental do museu na educação permanente, pois “(...) os museus podem e devem desempenhar um papel decisivo na educação da comunidade. Santiago, 30 de Maio de 1972.” (ICOM: 1972, p. 01)

Esta que foi considerada como a nova museologia, tinha ciente os desafios e o papel dos museus na América Latina relativamente aos problemas do meio rural e urbano, e de que modo este poderia contribuir para solucionar o problema: “(...) o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na acção, situando suas actividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é , ligando o passado ao presente (...).” (*ibid*: p. 01)

Esta convenção decide ainda que os museus devem manter as suas colecções o mais acessíveis possível, modernizando as técnicas tradicionais museográficas e melhorar a comunicação entre objectos/visitante - criando sistemas de avaliação que permitam analisar a influencia do museu na sociedade e vice versa – e consciencializar a sociedade, começando pelo trabalho fundamental junto de escolas pois são nestas que se formam

consciencializações para o futuro tendo um papel fundamental para a preservação do património cultural. Esta convenção da UNESCO permitiu não só uma maior formação por parte dos técnicos de museologia e mais ferramentas de trabalho, como permitiu também às comunidades uma maior interacção com o museu. Preservar, divulgar e dinamizar o património cultural “(...) em favor da dignidade humana, de mais inclusão, de mais direito de cidadania e de mais participação”. (*ibid*: p. 10)

Mário Moutinho em *A memória também está em crise*, reforça o papel da nova museologia e o papel fundamental da memória nos museus, passando esta do plano secundário para o plano central do museu, aproximando comunidades e famílias. No caso concreto brasileiro, Mário Moutinho enumera dois pontos presentes nos programas de Sociomuseologia onde surgem Pontos de Cultura e os Pontos de Memória. Pontos de Cultura são iniciativas desenvolvidas pela sociedade para impulsionar acções que já existem nas comunidades, enquanto os Pontos de Memória surgem da necessidade de apoiar grupos sociais que ainda não tiveram a oportunidade de contar a sua história, fazendo com que estes se sintam valorizados e representantes da sua identidade local.

Outro grande exemplo no âmbito da museologia, da importância dos museus nas sociedades, foi a Conferência Internacional *Museus Para Quê*, que se realizou no Rio de Janeiro em Novembro de 2016. Esta teve como objectivo debater a forma como olhamos e abordamos os museus, bem como quais os seus desafios que estes enfrentam. Esta conferência contou com cerca de 400 participantes de 9 países, e foi organizada pelo *British Council*<sup>5</sup> com o apoio do Museu do Amanhã em parceria com o Museu de Arte do Rio – MAR. Através de um audiovisual presente no site do *Britishcouncil*<sup>6</sup> é possível assistir aos investigadores e pesquisadores a responder à pergunta base sobre qual a função social dos museus e qual o seu engajamento com os públicos.

Grosso modo, a visão destes sobre os museus é que estes são espaços que servem para estabelecer diálogos atraindo pessoas, sensibilizando-as – diferentes

---

<sup>5</sup> O British Council é uma organização internacional do Reino Unido para as relações culturais e educativas.

<sup>6</sup> Link do Audiovisual - <http://transform.britishcouncil.org.br/museus-para-que.html>

públicos, diferentes comunidades – uma vez que estas fazem parte da sociedade e do seu desenvolvimento, sendo feito por pessoas, para pessoas. O museu é um espaço de pertença e memória que permite preservar a história, a cultura e cultivar a alegria. É um local de encontro que permite juntar pessoas, não só dialogar, mas também pensar e produzir, transformando vidas através da experiência de cada um. Os museus servem para transformar o mundo, não guardam apenas o passado – o museu está vivo, trás coisas novas todos os dias – possuem o hoje e formam o amanhã, são pilares da cidadania, criam impacto social, contam histórias/estórias, ligam a humanidade e servem para que a pessoa se evolva e faça ela mesma a diferença, encontrando aquelas que são as suas raízes.

A missão do museu assenta sobre a sua função social. Função essa fundamental e vital dos museus, partilhada por Isabel Victor no seu artigo editorial escrito em 2011<sup>7</sup> - quando era directora do Departamento de Museus/IMC – onde abordava as dificuldades que os museus estariam a atravessar, mas também que aquele seria um grande ano para os mesmos. Isto devia-se ao facto do ICOM – Conselho Internacional de Museus - ter proposto como reflexão para os museus a temática da memória, algo que como diz Isabel Victor é aquilo que norteia a missão dos museus. O coração dos museus é a memória e por consequente esta também é o seu poder. Isabel Victor recorre ao artigo de Mário Chagas intitulado “Memória e poder – entre a memória do poder e o poder da memória” para mais uma vez reforçar a importância e o valor simbólico que o imaterial assume: “Assim, o tesouro guardado nos museus não está necessariamente relacionado a valores monetários. Esse tesouro museológico, apenas aparentemente reside nas coisas, uma vez que as coisas estão despidas de valor em si.” (CHAGAS: s.d in VICTOR: 2011, p. 02)

Percebemos que não são os objectos que possuem a memória em si, mas são eles que nos dão o poder de recordar, sendo para isso necessário o museu estar munido das ferramentas necessárias para trabalhar a memória, sendo também um espaço aberto de partilha e de conhecimento que permita uma construção cultural que gera

---

<sup>7</sup> Museus em rede. Boletim da rede portuguesa de museus. Nº 38 – Janeiro de 2011

valor através dos seus activos, as pessoas que o museu recebe e ajudam a construir o espaço museológico sendo “co-produtores do museu”.

Por tudo isto, é preciso trazer as pessoas para dentro do museu, para o seu primeiro plano - esta é a grande missiva levada a cabo por Isabel Victor - no caso concreto do Museu Sporting, através do Centro de Memórias e recolha de testemunhos para a exposição sobre Mário Moniz Pereira. Abrir as portas do museu - física e simbolicamente - para que o visitante conte a sua própria história através do museu, transformando se assim tal como o museu num activo cultural e gerador de valor para comunidade - neste caso a comunidade sportinguista, que possui diversos valores e símbolos identitários que nos permitem “ancorar” e fazer a ligação entre as suas memórias e o clube. “A memória chama o presente” e é por isso que a participação no museu como diz Isabel é a chave na prática de preservar o património pois em seu entender “museus que não servem para a vida, não servem para nada”. Mas para isso importa perceber para que comunidade o museu trabalha.

É preciso perceber que o património tem de ser construído a várias vozes e não existe apenas uma visão da história nem uma verdade universal. Os museus não são neutros, nem têm de o ser diz Isabel Victor. Nem todas as histórias têm de começar pelo princípio, nem o património é feito apenas do passado. O património é também o hoje, o presente. Os museus trabalham para o futuro, os museus não são ilhas, são pontes, e neste caso os museus de clubes perceberam que estes são muito importantes, pois geram não só valor financeiro, mas também empoderamento identitário. O património imaterial é aquilo que alavanca a narrativa dos museus e dos seus objectos: “as exposições não são catálogos em pé. A humanidade e as pessoas existem há muitos séculos e não passam de moda, ao contrário da tecnologia que se torna facilmente obsoleta. Hoje vivemos numa “eventologia” frenética conclui Isabel Victor. Hoje, esquecemos facilmente de sermos apenas nós próprios. Quando tudo acabar, aquilo que nos restará será apenas o que nós somos - o imaterial.

## Usos da Memória: o Poder de Recordar

“Nunca sabemos o que sabemos, onde começa a nossa recordação e começa a dos outros, o que lembramos hoje é sempre o que da última vez lembramos, são falsas todas as memórias. E tudo se mistura, um sonho, um facto, uma recordação, vários pontos acrescentados que formam uma constelação defeituosa – tudo feito da mesma matéria, uma esponja, cheia de lapsos e interstícios, e às vezes quando se espreme sai uma gota a custo, outras, um jorro torrencial.” (CARVALHO: 2013, p. 05)

Porque é tão importante o papel de recordar? De que formas pode ocorrer esse processo? O papel fulcral do Centro de Memórias é o de fazer com que as pessoas possam rememorar acontecimentos já passados, tempos longínquos. “Lembrar para não esquecer” – como diz o ditado - porque a partir do momento em que esquecemos, difícil é voltar a lembrar.

“Nós inventamos o que lembramos

Nós esquecemos o que lembramos

Nós lembramos o que esquecemos

Nós inventamos porque esquecemos

Nós inventamos o que somos.

Nós esquecemos o que inventamos.

Nós nascemos antes

Nós descobrimos depois.” (LUZ TEIMOSA: 2010, m. 12:34 – 12:59)<sup>8</sup>

Este esquecimento pode ter vários factores: “naturais” como o aumento da idade, doenças que afectam o cérebro – Alzheimer - ou então factores “externos”, memórias traumáticas que o cérebro apaga ou bloqueia propositadamente como um mecanismo de defesa do corpo humano, tal como aconteceu com Fernando Mamede, quando lhe perguntei na entrevista para o Centro de Memórias, sobre quais as cores da antiga pista de atletismo do antigo estádio de Alvalade (1956). Mamede só se lembrava da pista ter tido a cor verde – talvez por ser nessa mesma pista que alcançou um feito tão grandioso como o recorde da europa dos 10.000m no Torneio Internacional de Lisboa, no estádio de Alvalade em 1981. A cor de “tijolo” da pista sucessora, surge num

---

<sup>8</sup> Diálogo presente no documentário sobre a vida e obra de Fernando Lemos: Luz Teimosa, realizado por Luís Alves de Matos, produção: Real Ficção – 2010.

momento menos positivo da vida de Fernando Mamede, que este prefere não se lembrar, sem, no entanto, o esquecer. Se por um lado a pista tartã verde é um lugar de memória (NORA: 1993) para Fernando Mamede, que tantas alegrias lhe dá, a outra pista surge associada a um período de depressão que o atleta passou.

Por isso é “urgente” sempre que se justifique, e nos seja possível, efectuar o trabalho de “recolha de memórias” para que nada se perca, para que nada fique por contar, para que nada seja esquecido e/ou apagado da história/tempo. Paula Godinho identifica na sua pesquisa sobre as memórias da resistência à ditadura Salazarista (1926-1974) e no pós 25 de Abril, quatro discursos sobre o tempo a partir das memórias. 1 – Alongado, relativo às continuidades e à reprodução social. 2 – Fragmentado, que se ajusta aos momentos de ruptura. 3 – Denso, eventos marcantes como revolução, amor ou doença. 4 – Revisitado, ou seja, é através do presente que o informante revive o passado, não tal e qual como este foi, mas uma reinterpretação determinada pelo grupo social em que este está inserido, género, ou faixa etária.

Esta identificação por parte da autora, permite-nos também identificar no caso pratico de estudo do Museu Sporting, o modo como cada um dos meus informantes, acederam às suas memórias para me cederem o seu testemunho, pois estes passaram por diferentes fases e inúmeros momentos, desde a sua iniciação no atletismo, afirmação, continuidade e abandono da modalidade.

### **Passado**

Um exemplo que podemos destacar e enquadrar nos diferentes discursos sobre o tempo e memórias de um passado que se tenta a todo o custo negar, sem no entanto, o esquecer, é o exemplo das heranças difíceis deixadas pela Alemanha Nazi, que Sharon Macdonald (2006) estudou. Neste texto a autora expõem e interroga sobre de que forma devemos interpretar os resquícios deste tenebroso império, sobre a questão de património e identidade no caso específico de Nuremberga. “O património é visto, com frequência, como um instrumento de afirmação e reconhecimento da identidade dos grupos. Permite demonstrar que o grupo não se constituiu num passado recente, mas sim muito antes de “nas brumas da memória” ou na mais profunda antiguidade.” (MACDONALD: 2006, p. 103). O caso da Alemanha é bastante complexo nesse sentido,

uma vez que a Alemanha passou por um processo ditatorial durante o império Nazi, período esse negro na história da humanidade, marcado por crimes atrozes, genocídios, divisões e pilhagens. Mais tarde, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a queda do regime Nazi, seguiu-se uma divisão da Alemanha em duas partes – República Federal da Alemanha (RFA - Alemanha Ocidental), e República Democrática da Alemanha (RDA – Alemanha Oriental), divisão essa marcada geográfica e fisicamente pelo muro de Berlim, criando assim mais uma enorme ruptura de culturas, de povos e por conseguinte também a sua divisão.

Apos a queda do muro no início dos anos 90, deu-se a unificação das duas partes, a Alemanha passou a ser de novo um todo, resultante de um longo passado em comum, uma herança cultural que permitiu reatar laços. Todavia, o passado não pode ser esquecido ou apagado, e tantos anos depois, a Alemanha tenta ainda a todo o custo renegar - sem, no entanto, querer esquecer - o rasto deixado pelo regime nazi. Para isso criaram memoriais, placas comemorativas das vítimas do Holocausto, solidificando o passado através da criação de monumentos e museus, reutilizando antigos espaços fortemente marcados pela ideologia nazi em locais que transmitam sentimentos opostos. “Transformar algo em património, torna absolutamente claro que esta herança se refere ao passado (...)” (*ibid*: p. 104)

Macdonald apresenta-nos o caso concreto do Palácio do Congresso que alberga um Centro de Documentação, onde existe uma exposição denominada *Fascínio e Violência*. Apesar desta ser enquadrada no Serviço de Museus da Cidade de Nuremberga, estes recusaram utilizar o termo museu, pois acreditam que este traria um carácter especial de admiração àqueles objectos e suspensão crítica, resultante do “olhar museográfico” das peças expostas. O termo Centro de Documentação, confere assim a ideia de pesquisa e não de contemplação, através da história e não do património.

Também em Portugal encontramos exemplos complexos de processos de resistência, como é o caso de estudo da investigadora Paula Godinho, que se debruça sobre este tema através do passado e memórias ligadas à resistência associadas à ditadura portuguesa (1926-1974). Em *Resistência E/Y Memória*, Paula Godinho através de diversos casos de estudo demonstra-nos que as memórias têm classe, género e estão

associadas aos usos políticos da memória. “O longo silêncio acerca do ocorrido, que fracturou o tempo local dos grupos familiares atingidos, prolongou-se bem além da memória da ditadura (...)” (VARELA E PEREIRA: 2013, in GODINHO: 2015, p. 09)

Ainda na sua análise, Godinho refere que alguns dos seus entrevistados ficaram presos ao passado, presos ao que poderia ter sido, numa acção “de fora para dentro” o que nos mostra que talvez o presente para estes continue a ser baseado nas suas antigas memórias e não seja algo tão linear assim uma vez que ainda existe uma “revolta da memória” resultante de uma evocação constante do passado, uma memória colectiva do passado, fabricada constantemente no presente.

O tema da memória é um tema cada vez mais abordado, até pelos *media*. Veja-se, actualmente, na estação televisiva TVI a emissão do programa *Ephemer*. O programa é conduzido pela jornalista Joana Reis e pelo historiador José Pacheco Pereira, e tem por objectivo dar a conhecer aos espectadores alguns arquivos privados de Portugal. A Associação Cultural *Ephemer*, disponibiliza o seu acervo a investigadores, de acordo com normas condicionantes de pesquisa, que devido à escassez de espaço torna impossível disponibilizar todo o acervo. Esses arquivos são do mais diverso que se possa imaginar: objectos, panfletos, livros, filmes, fotografias, entre outros. Através destes é possível descobrir não só a história do país, mas também mais sobre os seus protagonistas, desvendar segredos e partilhar histórias, “a nossa memória através dos objectos de todo o tipo que a história tocou.”<sup>9</sup> Julgo que este tipo de acervos e a sua construção e divulgação, são fundamentais numa museologia que ser quer inclusiva e criativa.

### **Presente**

O presente tem em mãos uma ferramenta poderosíssima capaz de mudar o mundo, através do impacto social, ainda que não tenhamos real noção dessa consequência. Refiro-me às redes sociais – *Facebook*, *Instagram* – que através das nossas “pegadas” no espaço virtual, vamos construindo uma memória social, aquilo que queremos que os outros vejam e associem a nós próprios. O Facebook, percebendo este impacto, criou uma função que serve para nos lembrar de acontecimentos passados

---

<sup>9</sup> Descrição presente no endereço electrónico da TVI, relativamente ao programa *Ephemer*.

publicados por nós, acontecimentos esses já no nosso esquecimento, reavivados por um “lembrete” diário desta ferramenta. Mas até que ponto estarão os nossos dados seguros, uma vez que estes são acessíveis a um mundo de “amigos”? Uma vez que um conteúdo é publicado na internet, dificilmente poderemos controlar o seu destino final.

Juliana Altmayer faz referência a um novo direito na era da revolução tecnológica que tem como objectivo garantir e assegurar o direito à privacidade. Para isso utiliza o conceito de Direito ao Esquecimento, e refere que esta é uma questão crescente, cada vez mais estamos dependentes de computadores, *internet*, *smartphones* e rodeados de câmaras, onde muitas vezes de modo inconsciente fazemos parte. Juliana refere que “(...) o direito ao esquecimento pode, por um lado, ser um ato de libertação para um indivíduo, referente aos seus direitos de personalidade; e por outro, pode ser uma perda para a sociedade, no condizente a sua história e memória. São dois lados de uma moeda, de um, tem-se o interesse privado, de outro, o colectivo.” (ALTMAYER: 2017, p. 16-17)

O presente está repleto de ferramentas, tratamentos e medicamentos que existem na sociedade para tentar “travar” o efeito do esquecimento humano. É extensa a lista de métodos usados pela ciência, na luta pela salvaguarda e qualidade da saúde. No entanto, nenhuma destas soluções garante melhorias definitivas, podendo mesmo ter efeitos secundários. O melhor remédio continua a ser o “medicamento” natural que resulta das conversas entre amigos, recolhas de testemunhos, visionamento de filmes e fotografias. Esta é a chave para a salvaguarda da nossa sanidade, não só contra o esquecimento, mas também na luta contra a solidão. É um facto que podemos recordar estando sós, mas podemos também recordar estando juntos, com outras pessoas, e construir uma rede de recordações e memórias conjuntas que tantas vezes encontra sinónimos entre pares.

## **Futuro**

É de modo curioso que assistimos na nossa contemporaneidade às formas artificiais que a ficção científica encontrou para retractar a temática da memória. De forma estupefacta assistimos ao modo como a ficção científica, quer seja através de livro, séries televisivas ou filmes, tratam temas como a memória e nos mostram de que forma o futuro poderá lidar com esta, quer seja de forma positiva – através da

preservação da memória e permissão para “navegar” na memória como se de um disco rígido se tratasse - quer seja de forma negativa – utilização da própria memória ou da memória de outrem para fins menos próprios, como obter informações passadas e confidenciais.

Séries de ficção científica como *Black Mirror*<sup>10</sup> abordam o lado perverso da tecnologia na sociedade e de que forma a tecnologia irá influenciar as sociedades do futuro, nomeadamente como irão lidar com a questão da memória. Destaco dois episódios de *Black Mirror* que reflectem esta grande preocupação e nos dão muito que pensar: *Crocodile* - A acção desenvolve-se em torno de um terrível acidente de viação onde a morte de um ciclista foi ocultada propositadamente. Anos mais tarde, através de uma agente de seguros que possui uma máquina de visionamento da memória, esta descobre esse horrível crime, o que desenvolve toda uma serie de assassínios em cadeia para tentar evitar que se saiba a verdade sobre o atropelamento. Através da autorização da pessoa interrogada, é-lhe colocado um *chip* na têmpora e controlado pela agente de seguros que através de algumas perguntas consegue fazer as pessoas reviverem esses momentos e aceder às suas memórias através da máquina, sendo estas transmitidas em seguida na televisão permitindo assim a outras pessoas verem exactamente aquilo que a outra pessoa viu - na primeira pessoa - servindo assim de fonte inegável de prova e conhecimento, neste caso para uso companhias de seguros no futuro.

Outro episódio da série onde é abordado o tema da memória é em *The Entire History of You*, que através de um *chip* implantado por detrás da orelha é possível as pessoas gravarem de forma consciente tudo o que vêem e ouvem. Através de um controlo remoto estas conseguem “rever” as suas memórias directamente nos próprios olhos ou através de monitores para outras pessoas também verem. O grande problema deste sistema é o facto de os humanos ficarem obsessivos com as memórias pessoais e também com as memórias alheias, invadindo a privacidade das outras pessoas para saberem o que estas fizeram, chegando ao ponto de obrigar as pessoas a apagarem certas memórias e inclusive de matar para que estas não possam mostrar a ninguém.

---

<sup>10</sup> Charlie Brooker é o criador da série *Black Mirror*, 2011 – Presente.

Para colmatar a temática sobre os efeitos que a tecnologia tem no presente e terá no futuro, junto Donna Haraway<sup>11</sup> autora do Manifesto Ciborgue, que estuda os acoplamentos entre organismos Humanos e Máquina. Haraway (1984) refere na sua obra que a contemporaneidade está repleta de “Ciborgues”, resultantes de junções que ocorrem para colmatar falhas existentes nos Humanos como o uso próteses, aparelhos reguladores internos como pacemaker ou de memória. No entanto a autora frisa que estas mudanças ocorrem para colmatar falhas humanas e não especificamente para dar vantagem ou favorecer os seres humanos que usufruem da tecnologia, levantando também importantes questões sobre questões de género associadas ao desenvolvimento da “máquina” sobre o homem. É curioso perceber que foi em 1960 que o termo Ciborgue foi utilizado pela primeira vez. Clynes e Kline (1960) utilizaram a palavra Ciborgue em *Cyborgs and Space* para descrever uma “futura era de astronautas” que suportariam as rigorosas viagens espaciais de longa distância, recorrendo ao uso de implantes como agentes reguladores do organismo, uma vez que estamos a falar de viagens espaciais com duração de anos. Teremos nós, próximos de nos tornarmos Ciborgues ao recorrermos ao uso de tecnologia para registar as nossas falhas de memória como se de um computador se tratasse? Onde basta reparar ou trocar o disco rígido para termos acesso a ainda mais informação?

### **Centro de Memórias**

O Museu Sporting aposta actualmente mais do que nunca na preservação do seu património cultural. O imaterial surge assim como uma “peça” fundamental na construção da identidade do clube e que até hoje teve pouca acção nesse sentido. Com o seu complexo museológico – actualmente com 2 espaços expositivos<sup>12</sup> - podemos dizer que estes espaços são “bibliotecas vivas de informação”, fazendo por isso sentido apostar na recolha de testemunhos orais, associados ao clube, de forma a que nada se perca e também como forma de reconhecimento e agradecimento à sua comunidade de adeptos. Desse modo o Centro de Memórias do museu pode contribuir para o enriquecimento museográfico, algo que foi já incorporado nas duas exposições

---

<sup>11</sup> Dona Haraway, (1944 – Presente) Bióloga, Filósofa, Escritora e Historiadora. Escreveu o Manifesto Ciborgue (1984).

<sup>12</sup> Museu Sporting (Alvalade), Museu Sporting (Leiria) Colecção Bernardes Dinis. Está também prevista a inauguração do Museu das modalidades no Pavilhão João Rocha.

temporárias, sobre a Viagem do Sporting à China em 1978 e na exposição sobre Mário Moniz Pereira, algo que a título de exemplo não se encontra patente na exposição permanente no Museu Sporting de Alvalade, uma vez que privilegia por completo os seus milhares de troféus, através do seu património material, ao contrário da colecção Bernardes Dinis em Leiria em que é o próprio coleccionador que conta a história de cada uma daquelas peças – porque viveu na primeira pessoa alguns daqueles acontecimentos - com a mesma paixão no presente que o levou na infância a coleccionar tudo o que fosse relacionado com o Sporting. O museu de Alvalade tem a lacuna de ser um museu sem voz. Sem voz no sentido em que não nos conta, apenas nos mostra. Mostra-nos o resultado final de um processo de conquista. Aquilo que não se vê, não existe? Existe, apenas está ainda por contar.

Para iniciar o projecto que me foi proposto, relativo ao Centro de Memórias, foi necessário pesquisar e conhecer exemplos já bem cimentados, com provas dadas na área, no campo da investigação, memória e história oral. A 11 e 12 de Outubro de 2017, tive a oportunidade de participar no *Encontro de História Oral* no Museu da Cidade de Almada, e ficar a par de diversos investigadores, projectos e experiências culturais existentes. Posto isto, irei referir alguns tópicos das comunicações a que assisti naquela conferência. Uma das apresentações que mais me prendeu a atenção foi a de Rosana Miziara: “As histórias de vida na primeira pessoa: A experiência do Museu da Pessoa”, que como o título indica, foi sobre a experiência do Museu da Pessoa. A história oral mostra-nos aquilo que não está nos escritos oficiais, e por isso o Museu da Pessoa (Brasil) é um museu virtual que conta em média com cerca de 82.820 visualizações por mês e cerca de 70 histórias novas todos os meses, segundo dados de Rosana. Para isso existe uma ponte de ligação entre o Acervo, o Curador e o Visitante.

A linha de acção do Museu da Pessoa desenrola-se em várias vertentes, o que permite ao interveniente contar a sua história de várias formas: Museu que Anda - vai até às pessoas através de uma cabine móvel - Estúdio Aberto - registo no Museu - Virtual - registo pelos utilizadores - Expedição - viagens temáticas de recolha de histórias, como festividades.

Existe também um programa educativo junto das escolas por parte do museu, que visa sensibilizar para a valorização da memória local, junto das crianças. Estas através da pintura, criam desenhos sobre as histórias dos entrevistados, e estabelecem

uma relação entre história oral, imaginação e artes visuais. Este trabalho reflecte a importância que os mais novos terão no futuro, pois cabe-lhes a missão de preservar o património cultural nas suas variadas vertentes. Para efeitos de pesquisa e divulgação, a colecção do acervo é uma colecção física e também digital, que conta com ficheiros de vários formatos - áudio, fotografia, audiovisual, documentos escritos e material colectado dos entrevistados.

A grande vantagem, actualmente, é o facto de a tecnologia permitir uma associação com a vertente social da memória - em meios de salvaguarda ou produção - com baixos custos, um elevado impacto social e também uma reprodução em larga escala, uma vez que permite que qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, através da internet consiga visualizar os conteúdos disponíveis no site do Museu da Pessoa - neste caso em específico. Em Outubro, data da apresentação, a equipa do Museu da Pessoa era constituída por 12 trabalhadores fixos e 35 voluntários, o que demonstra bem a dimensão que este tipo de projectos envolve e necessita. Como afirmou Rosana Miziara na sua apresentação: “Não existe identidade sem narração (...) uma história pode mudar o nosso jeito de ver o mundo”.

No mesmo encontro, Helena Pinto Janeiro, falando sobre “História Oral num Museu de Memória: A Experiência do Aljube” frisa o trabalho do museu na educação e cidadania, nomeadamente no que diz respeito à experiência e vivências: “Por vezes, os testemunhos orais são mais importantes que os objectos”. Não é possível transmitir e explicar vivências - como o caso das torturas feitas pela PIDE - pelo formato escrito, pois esse não possui a capacidade de sentir e transmitir as emoções. Os locais de entrevista podem ser os mais variados, conforme a necessidade física, psicológica ou simbólica. Cada uma destas escolhas, irá enriquecer todo o conteúdo testemunhal, e através da história oral, poderemos “sentir” e recuar no tempo, juntamente com as memórias daquela pessoa. Importa ter cientes a “Ideia de que o presente está sempre em extinção” afirmou Rita Ávlia Cachado. Esta é sempre uma das grandes batalhas do Centro de Memórias, lutar contra a erosão do tempo, assegurar a preservação do passado através do presente.

Também Manuel Loff na sua exposição oral “Para que serve lembrar: O sentido Social da Memória”, refere a memória como instrumento configurador de identidade. As memórias individuais contam a memória de grupos na medida em que esta é

produzida através da família, de grupos, de classes sociais ou movimentos religiosos/sociopolíticos. O grupo assume para Loff um papel primordial, nós “recordamos porque não estamos sós, faz-se num e para um colectivo que partilha a mesma memória (...) nós vivemos numa sociedade que nos diz, e nos mostra, que é bom recordar, através dos nomes das ruas, nomes de escolas, museus e estátuas.” Mas qual será a importância, e para que serve esse factor social? Segundo Manuel Loff existem três perspectivas a partir das quais se recorda: 1 - Socialmente - memória do vencedor que foi bem-sucedida. 2 - Socialmente - memória do derrotado que envolve questões políticas, culturais e simbólicas. 3 - Ofensa à memória - através da dor, da repressão, da tragédia. Os discursos da memória ocorrem sempre a partir das perspectivas dos sujeitos. Existe a necessidade de “lembrar para voltar a ser”, recordar para preservar, recordar para mudar. Manuel Loff refere o facto de a memória ser selectiva pois “Nós só nos lembramos daquilo que escolhemos”.

Maria Miguel Cardoso, foi outra das convidadas presentes, que abordou a temática da memória através da “Fotografia à Memória – O Centro de Memórias do Museu do Trabalho Michel Giacometti e o Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro”, revela o foco que o Museu do Trabalho tem sobre as pessoas e não sobre os seus objectos, uma vez que no Museu do Trabalho, grande parte da sua exposição sobre a industria conserveira de Setúbal, assente em diálogos e descrições na primeira pessoa, dos processos de trabalho, das transformações sociais, vivencias e experiencias, tudo isto retractado no museu de forma clara e concisa, graças aos testemunhos recolhidos. Existem 3 eixos de trabalho no Centro de Memórias do Museu do Trabalho, no que toca à exposição do arquivo fotográfico de Américo Ribeiro. Este arquivo abrange registos desde os anos 20 até aos anos 90, contando com 140 mil imagens. 1 - É feita a análise da fotografia. 2 - Análise da história de vida de quem aparece na imagem. 3 - Recolha de testemunhos acompanhado no terreno, de quem aparece ou participou na fotografia.

Maria Miguel Cardoso refere que sempre que a fotografia revela um acontecimento importante, fazem uma recolha oral para descobrir mais sobre esta - o que existiu, nomes e curiosidades -, dessa forma é fácil percebemos a importância que a memória e a oralidade assumem no processo descritivo, e no enriquecimento não só do material expositivo, acervo audiovisual, e principalmente a realização de tertúlias que primam pela inclusão social local.

O trabalho consolidado apresentado por Sandra Monteiro da Câmara Municipal de Oeiras através de: “Histórias de vida – preservação das memórias, encontros com a comunidade e a história local”, mostra-nos ao exemplo do Museu do Trabalho, que é preciso participar activamente na construção da nossa história e preservar as memórias, através de encontros com a comunidade e a história local – partilhar memórias, escutar percursos, conhecer lugares e registar. Por esse motivo o próprio site [historiasdevida.com](http://historiasdevida.com) deixa o mote para que as próprias pessoas se voluntariem para falar e contarem a sua história: “Se tens mais de 55 anos (...)”. Sandra Monteiro afirmou que: “Somos detentores do projecto, mas ele pertence à comunidade”. E essa deve ser a grande valência destes repositórios de memórias, faze-lo com a sociedade e para a sociedade, partilhar experiencias, receber, mas também devolver. O *site* permite aceder a excertos de entrevistas através de audiovisual ou apenas áudio, fazendo o enquadramento geográfica e também do seu orador. O modelo de convidar as pessoas a contarem as suas próprias vivências, vai de encontro ao caso brasileiro do Museu da Pessoa, e reforça ainda mais a necessidade de criar pondeis de ligação mais estreitas, entre o museu e a sociedade, entre a vida e os objectos.

Paula Godinho, experiente antropóloga, com trabalho desenvolvido em torno das memórias da resistência, através da sua apresentação “Em usos da memória, teorias e métodos”, chama a atenção para os “perigos” do trabalho no terreno, na recolha de testemunhos. “O passado é uma construção do presente” e como tal, o entrevistado não nos irá contar o passado, mas o que se lembra sobre ele. Uma vez que as memórias têm classe e género, e podem ser encerradas ou guardadas, podem também estas memórias, como citou Paula Godinho, ser um salto para outro patamar:

“Tudo o que sonho ou passo,

O que me falha ou finda,

É como que um terraço

Sobre outra coisa ainda.

Essa coisa é que é linda.” Fernando Pessoa – Poema Isto.

“Nós não queremos saber o que o entrevistado não nos quer dizer, pois o passado como é interpretado à luz do presente, é contruído pelas ferramentas do

futuro” referiu Paula Godinho. Enquanto antropólogos, precisamos criar empatia com os entrevistados - deixar a função social da memória progredir - deixar que a entrevista seja da própria pessoa, e registar o seu passado, que não se encontra registado na história. É preciso ter também em conta, que devido à proximidade criada com os nossos informantes, nos identifiquemos com aqueles discursos e nos emocionemos ou hepaticamos com aquela dor, no entanto isso não significa que aquela pessoa seja uma vítima, pois, a própria pessoa que nos conta pode não querer ser vista como uma vítima, mas sim como uma resistente, uma lutadora. Precisamos contextualizar os testemunhos no tempo e no espaço, para compreender a sua complexidade. Quando estas pessoas morrem a prática morre com elas, os seus saberes morrem e acabam por desaparecer do imaginário daqueles que lhe são mais próximos. O registo da sua memória, prova que aquela pessoa existiu, permite-nos reviver momentos e permite perpetuar aquela memória no tempo, para o futuro, daí a tarefa de recolha de testemunhos ser tão importante.

Todas as vozes presentes no encontro tinham em comum uma missão clara e concisa: salvaguardar as pessoas e as suas memórias. Salvaguardar os testemunhos orais, preservar espaços e tradições, dar voz às pessoas e torna-las activas na construção do presente. Tornar os museus num espaço aberto e acessível a todos, pois este não pode continuar a ser visto única e simplesmente como um elemento do passado, mas um construtor do futuro. Destaco estas apresentações do Encontro de História Oral, pois foram aquelas que me permitiram apreender conteúdos que se adequam de forma mais directa com o trabalho a desempenhar no Centro de Memórias do Museu Sporting.

Numa vertente prática, pude também conhecer o trabalho desenvolvido pelo Museu do Trajo em São Brás de Alportel, levado a cabo por Emanuel Sancho – director do museu - onde acompanhei uma sessão de trabalho com o projecto FMId (Fotografia, Memória e Identidade) e percebi de que modo é feita toda a recolha, gestão organizacional e de informação. O espaço do museu, é um espaço abrangente e multidisciplinar que prima pela diversidade e inclusão da comunidade residente em São Brás, resultante num “grupo de amigos do museu”, que faz deles, organizadores de eventos e participantes em actividades mensais como: Arte, clube de fotografia, dança, informática, ginástica ou teatro, tudo isto em torno do museu e em prol do bem-estar da comunidade envolvente.

No que diz respeito aos e-Museus, MemoriaMedia<sup>13</sup> tem feito um trabalho muito importante na disponibilização e preservação do património cultural imaterial. Com uma equipa composta por realizadores, operadores multimédia e antropólogos, estão preparados para registar as mais diversas manifestações culturais. Actuam na área do registo de: Saber fazer - conhecimentos comunitários - Lugares - locais de práticas culturais colectivas - Celebrações - rituais, festas e práticas da vida social - Contos e cantos - Formas de expressão - Histórias de Vida - Narrativas na primeira pessoa, experiências e percursos. O início de actividade do MemoriaMedia, remota ao ano de 2006 - altura em que entrou em aplicação a convenção da UNESCO relativa à salvaguarda do Património Cultural Imaterial, como iremos ver no capítulo seguinte<sup>14</sup> – o que colocou este e-Museu na vanguarda do trabalho de recolha e divulgação de história oral, servindo de inspiração para outros grandes Centros de Memória, porque quando tudo acaba, aquilo que nos resta é o que nós somos.

Outros nomes de e-Museus como; “Arquivo de Memória”<sup>15</sup> e “Histórias de Vida”<sup>16</sup>, são importantes fontes de observação e conhecimento no que à disponibilização dos seus conteúdos diz respeito. Com um *layout* muito intuitivo e agradável visualmente, aguçam a curiosidade de quem visita estes *sites*, permitindo devolver o trabalho aos próprios entrevistados e publico em geral, através da divulgação de conteúdos. “Arquivo de Memória”: “contamos a história recente de realidades distantes”, têm como principal objectivo diminuir a solidão das pessoas mais velhas e atenuar o seu isolamento. Por isso direccionam o seu foco de trabalho para os utentes dos lares de idosos, dando valor às suas memórias e recolhendo testemunhos das últimas décadas. Efectuam recolhas de som e imagem, vídeo e gravações já existentes, registam testemunhos orais, relatos de vida - entre uma ou mais pessoas - digitalizam documentos, fotografias, cartas, postais, sempre tendo em conta os cuidados necessários para a preservação deste património tão pessoal. O *site* oferece a possibilidade de fazer uma pesquisa sobre toda a informação recolhida, bem como pesquisa pormenorizada por tema, lugar, documento ou palavra-chave. É de louvar o trabalho de “Arquivo de Memória”, não só sobre a sua linha de acção – preservação e

---

<sup>13</sup> <http://www.memoriamedia.net/index.php/pt>

<sup>14</sup> Convenção para salvaguarda do Património Cultural Imaterial foi aprovada a 17 de Outubro de 2003.

<sup>15</sup> <http://arquivodememoria.pt/>

<sup>16</sup> <http://historiasdevida.cm-oeiras.pt/>

divulgação - mas também pela possibilidade dos próprios, apoiarem quem nesse âmbito pretenda desenvolver os seus projectos.

O site “Histórias de Vida”, destaca na sua missão a revitalização da história local, através das histórias de vida junto da população sénior, dando um carácter geográfico às memórias e às pessoas, resultando como escrito no site “num componente digital *storytelling* e de comunicação digital.” O site reforça ainda uma ideia que considero “chave” no desenvolvimento de qualquer Centro de Memórias, o seu papel para um envelhecimento activo da população: “Num tempo em que aumenta a população idosa, esta iniciativa procurou ainda promover o envelhecimento activo dos seniores do concelho, potenciando o seu reconhecimento enquanto pessoas válidas e cidadãos participativos”. Marlene Rodrigues – Vereadora da Câmara Municipal de Oeiras refere que a aposta neste projecto não pretende simplesmente produzir histórias, mas também promover a inclusão social e as relações pessoais, dar voz às pessoas, às suas experiências, e criar o sentimento de pertença à comunidade, algo que para as pessoas mais velhas pode ser extremamente difícil.

A nível internacional, destaco o trabalho levado a cabo pelo Centro de História de Montreal<sup>17</sup> (Canadá) que se encontra a celebrar a história e a memória dos seus habitantes: “*You are Montreal’s history, and we’ll be talking about you!*” Através da comemoração dos 50 anos da realização da Expo67, é feito um olhar retrospectivo através das memórias daqueles que visitaram a exposição em 1967, altura que muitos destes atravessavam a juventude e descobriam novos sentimentos e experiências. Através do site *Mémoires des Montréalais*, é dada a possibilidade aos visitantes de explorarem não só lugares, memórias de grandes acontecimentos históricos, quer seja através de documentos visuais ou contos orais. O grande foco do Centro de História de Montreal é incorporar não só os seus habitantes locais, mas também quem visita Montreal. Ajudar a compreender e a integrar as pessoas na cidade, conhecer as suas origens, o que moldou e o que definiu a identidade de Montreal, é esta a missão.

Também a memória da imigração é um dos temas abordados pelo Centro de História de Montreal, que através de pequenas e grandes histórias fazem a contextualização cultural enquanto indivíduo e enquanto comunidade, o que resulta

---

<sup>17</sup> <http://ville.montreal.qc.ca>

num enriquecimento identitário e numa cartografia de memórias regulada por objectos, lugares, testemunhos que vão desde a primeira geração à última. O Centro de História de Montreal “promove a compreensão intercultural entre os seus cidadãos” sendo tanto o património tangível, como o intangível um motor na busca incessante de memória colectiva sobre Montreal, que pode ser pesquisada no site através de *links que dão acesso a vários artigos e história individual sobre a imigração de Montreal*.

### **Discussão Teórica**

“In many minds the term visual anthropology conjures up a specialized study involving film and video. Actually its scope is much broader, including the production and analysis of still photos, the study of art and material culture, and the investigation of gesture, facial expression and spatial aspects of behavior and interaction. In fact many anthropologists have been doing visual anthropology without realizing it” (BANKS AND MORPHY: 1997, p. 04).

O papel da Antropologia Visual, não foi fácil dado o seu multidisciplinaríssimo de acção. Se por um lado podemos perceber que a dualidade de foco permite centrar esta área de investigação, na criação de material visual e pesquisas antropológicas, por outro lado temos também o estudo dos sistemas visuais e culturais. O uso de filmes na pesquisa antropológica, deveu-se em grande parte, ao rápido desenvolvimento da tecnologia, que permitiu o uso pratico destas recolhas. Esta permitiu maior qualidade de gravação, maior mobilidade - aparelhos mais pequenos/ discretos – e a comercialização em larga escala do produto final. A grande vantagem do filme sobre a fotografia, é o facto do filme possuir imagens em movimento e som, ou seja, permite uma riqueza corporal, dialéctica e de práticas de rituais, que a fotografia não nos permite.

“(…) the focus must be on the contribution that film can make to anthropology as a theoretical discipline, as David MacDougall emphasizes in his chapter.” (*ibid*: 1997, p. 05). MACDOUGALL (1997), refere que a inquietação relativa à área de actuação da Antropologia Visual, devesse ao facto de esta se ter tornado menos focada no conteúdo, e mais no método, porque desde cedo os seus interesses foram estudar a forma da arte primitiva, a tecnologia e o folclore. O “problema” da Antropologia enquanto ciência base, foi não saber qual a forma mais apropriada de lidar com o subtema do visual, e

com o facto de não ser possível retractor uma cultura através de uma pequena amostra visual.

As culturas visuais, fazem parte de todas as sociedades, de todas as comunidades, todas têm algo que as identifica e as distingue das demais sendo essa a riqueza que caracteriza cada um de nós. No universo de estudo em que me encontro, não é excepção. Estes símbolos, podem ser meros detalhes, detalhes esses enraizados no património do Sporting Clube de Portugal, património esse com mais de 110 anos.

Em *Visual Methodology*, Gillian Rose, refere que a cultura visual é um processo e não um objecto. A cultura é um processo e um conjunto de práticas, não podendo limitar a antropologia visual aos artefactos, edifícios, símbolos, rituais ou ideologias. Mais importante do que olhar, precisamos ver. Ver permite-nos perceber os detalhes e o porquê de as coisas serem como são. “Others are concerned not only with how images look, but how they are looked at. That is, they argue that what is important about images is not simply the image itself, but how it is by particular spectator who look in particular ways.” (GILLIAN: 2000, p. 12)

A Antropologia tem o dever de estudar e interpretar as imagens de outros, sem preconceitos, sem juízos de valor, tal como estuda as diferentes culturas existentes em todo mundo, mas para isso importa perceber o que é o património cultural.

No texto “Património cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica” Donizete Rodrigues usa uma passagem que nos explica exactamente o que é o património cultural: “É o conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados de interesse colectivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo. O património faz recordar o passado; é uma manifestação, um testemunho, uma inovação, ou melhor, uma convocação do passado. Tem, portanto, a função de (re)memorar acontecimentos mais importantes; daí a relação com o conceito de memória social. A memória social legitima a identidade de um grupo, recorrendo, para isso, do património” (MARTINS: 2011, p. 04)

Donizete reforça a ideia, no seu texto, de que o património cultural não é apenas feito do património palpável: “(...) é importante realçar que o património cultural não é só o que é materializado, escrito, musealizado e edificado, como é o caso da Arqueologia

industrial. Como nos ensina a Antropologia, existe também a memória oral, a oralidade, considerada, nos contextos das sociedades ágrafas/ primitivas/ indígenas/ nativas, como uma «escavação da memória», para utilizar uma linguagem arqueológica.” (DONIZETE: s.d, p. 05)

Em 2003, realizou-se em Paris, uma importante “Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial” que alertava para o facto do património imaterial e material “andarem de mãos dadas”, e reforça os perigos a que ambos estão sujeitos, como processos de globalização, transformações sociais, intolerância, degradação, desaparecimento e/ou destruição. Com todos estes perigos, tomamos consciência de que são também esses mesmos agentes, que desempenham o papel de preservação, salvaguarda, manutenção, produção e divulgação do património cultural, contribuindo para o enriquecimento da diversidade cultural e da “criatividade humana”. É fundamental, para que a preservação do património tenha um maior impacto, efectuar trabalho de sensibilização junto das camadas jovens, e consciencializa-las para a salvaguarda do património, pertencente a todos nós – e seu inestimável valor - material e imaterial, factor de aproximação e entendimento entre seres humanos. Esta convenção teve como finalidade, o respeito pelo património cultural imaterial das comunidades, sensibilização local, nacional e internacional, para a importância da cooperação e assistência internacionais.

“Para efeitos da presente Convenção,

1. Entende-se por “património cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural. Este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interacção com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e

de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana.” (UNESCO: 2003, p. 03)<sup>18</sup>

A etnografia surge da necessidade de retractor e salvaguardar a cultura humana, nas suas várias vertentes. Se de início esta era feita por etnógrafos em gabinetes, com base nos relatos de outrem, como missionários, exploradores ou colonos, posteriormente esta adquiriu maior destaque, principalmente, a partir do momento em que Bronislaw Malinowski (1884-1942) decidiu revolucionar o método etnográfico em 1914 nas Ilhas *Trobriand*. Malinowski submergi-o totalmente naquela cultura desconhecida, desprendendo-se da sua vida na metrópole, participando e integrando a vida daquelas pessoas, efectuando observação participante (*in loco*) e aprendendo os seus próprios costumes, tudo isto durante o período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

É aqui que a Antropologia – uma vez que esta engloba no seu conjunto a Etnografia - ganha especial relevo, na pesquisa, análise, recolha e preservação do património cultural, quer seja material ou imaterial. “O património imaterial é uma criação da etnografia e da antropologia.” (...) ao longo de 100 anos o percurso da antropologia portuguesa fez daquilo a que hoje se chama património imaterial uma das suas principais linhas de desenvolvimento” (LEAL: 2009, p. 290, 292). João Leal, espelha a importância da Antropologia nesta vertente - que chega até aos dias de hoje como uma grande aposta das instituições, na preservação do seu património cultural - e revela que no caso concreto dos antropólogos portugueses, o olhar destes sobre o imaterial sofreu uma profunda alteração, passando do olhar “documentarista” - marcado pela nostalgia do passado - para aproximações mais complexas, tendo o novo e o velho adquirido o mesmo estatuto nas culturas populares, considerando tão importante os testemunhos orais e as memórias das lutas sociais, como a literatura oral de 1870-1880.

Dessa forma, através da aposta no património imaterial, é possível conseguirmos saber mais sobre os objectos que se encontram em posse do museu, objectos que carecem de processos descritivos de conquista, que não possuem documentos escritos, mas que a memória e a história oral podem contextualizar, sem, no entanto, perder peso, relevância ou mesmo credibilidade, tal como afirma João Leal, factores que não

---

<sup>18</sup> Convenção da UNESCO para a Salvaguarda Património Cultural Imaterial.

conseguiríamos saber apenas ao olhar para o trofeu. É preciso dar narrativas aos objectos, dar-lhe “corpo e voz”, dar-lhe destaque, às pessoas que conquistaram, e às pessoas que assistiram.

Luís Aires-Barros no seu texto *O legado da memória: os monumentos hoje e no futuro*, refere a importância de a sociedade ter vindo a desenvolver ao longo dos anos um importante factor de consciencialização sobre a preservação do seu património, da sua herança e da sua história. É importante preservar para que as gerações futuras tenham acesso a esse património e não percam a sua identidade porque a transmissão de valores culturais acontece muito por via deste património que serve como âncora, tal como os palcos onde a cultura sportinguista reside. Estes são reais, são físicos e funcionam como lugares de memória. Todas as culturas como as conhecemos, são resultantes de um longo processo, de tudo aquilo que foi produzido pelos povos ao longo de muitos anos e não algo gerado de forma espontânea e propositada. É algo que foi acontecendo e se foi tornando na génese de um povo. A identidade afecta ao Sporting, é resultante do contacto com outras culturas desportivas e diferentes ideais, que se foram moldando até chegar aos dias de hoje. Todo o fanatismo revela uma paixão inexplicável, uma ligação para a vida que é partilhada entre pares, entre amigos e família, algo que passa de geração em geração com objectivos que geram e reproduzem valor.

O “universo” sportinguista está repleto de símbolos identitário, muitos desses físicos e de grande dimensão como os estádios, sedes, academias, núcleos e espaços de sociabilização comum como praças ou ruas. Estes lugares adquirem o estatuto de palco de recordações, são lugares identitários, são marcos, lugares de memória que permitem recordar e rememorar o passado. Jantsch Souza faz referência ao artigo de Pierre Nora *Entre memória e história – A problemática dos lugares (1993)*, para nos mostrar as considerações do autor sobre os lugares de memória: “O autor trata da necessidade moderna de eleger lugares onde depositar memórias, impor a certos espaços ou objectos a tarefa de capturar a memória e deixá-la ali encerrada para a qualquer momento ser despertada pelo homem” (JANTSCH: 2014, p.100). Os lugares de memória para Nora são assim uma “ferramenta” que estabelece uma correlação entre o passado e o presente, através de todo o seu simbolismo alojado nas memórias e lembranças. Muitas vezes estas só voltam a estar acessíveis através de certos estímulos sensoriais

como a visão, olfacto ou audição. Os lugares de memória segundo Nora são “restos” de algo que ficou e que permite ser lembrado tal como os marcos históricos e simbólicos do clube.

A disciplina de Antropologia do Espaço – através da Antropóloga Filomena Silvano<sup>19</sup> – ajuda-nos a entender a abordagem por parte da sociedade aos conceitos de estrutura social, espaço e memória. Esta permite-nos observar a correlação entre vários contextos no que toca à observação e ao estudo dos elementos identitários de um povo e de uma cultura que segundo a visão durkheimiana: “algumas dimensões do espaço são desenvolvidas, como a dimensão material, a sua realidade dinâmica e enquanto suporte de memórias colectivas, apreendendo o espaço como uma representação social relacionada com processos de identidade e de memória simbólica e afectiva de um grupo” (SILVANO: 2001, p. 115).

Donizete Rodrigues apresenta-nos autores como Geertz, Stuart Hall e Bauman que abordam conceitos chave para o trabalho do Centro de Memórias do Museu Sporting. Geertz (1973), proporciona-nos conceitos como memória social, património cultural e identidade. Por sua vez Stuart Hall (2002) e Bauman (1998) surgem com conceitos como a globalização, fronteiras territoriais, localidades e identidades. Todos estes são importantes conceitos na medida em que nos ajudam a relacionar e a compreender melhor a relação que os adeptos têm com o clube através da sua memória social, individual/grupo que constitui valores de identidade que se afirmam dentro e fora. Isto permite localiza-los geograficamente, não só em Portugal, mas também no Mundo. Juntos, estes grupos constituem um mosaico dinâmico em constante crescente e movimentação, que propagam esta onda de afinidades.

No entanto não basta apenas identificar e recordar lugares, espaços ou símbolos. É preciso agir em torno da preservação destes sítios. É tão importante registar como preservar. Em *Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto* Marcia Conceição da Massena Arévalo dá-nos noções de preservação das memórias através do espaço, utilizando para isso o conceito já aqui abordado anteriormente de Pierre Nora - lugares de memória - no qual sugere o espaço físico

---

<sup>19</sup> Dulce Moura, s.d. Filomena Silvano (2001) - *Antropologia do Espaço. Uma Introdução*, Oeiras, Celta. pp. 115-116

(material) como suporte para a formação de memória colectiva (imaterial), uma vez que segundo Massena a memória necessita de um ritual para se associar a um espaço físico que funciona como uma âncora na formação de memórias na sociedade contemporânea ainda que estas não sejam universais, sejam individuais ou colectivas e sejam identificativas. É a memória que legitima as acções e entreliga o passado, presente e futuro. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários (...)” (MASSENA: s.d, p. 04) Estes lugares podem trazer memória colectiva apoiada nas práticas culturais aí realizadas, e desse modo são locais a ser preservados pois são sítios “sagrados”, palcos de grandes rituais e devoções.

Preservar “lugares sagrados” é uma tarefa de enorme importância e não pode ser deixada ao acaso. Para isso foi criada a *Declaração de Québec – Sobre a preservação do “Spiritu loci” – International Council on Monuments and Sites*, declaração essa que visa exactamente proteger o património cultural e os valores espirituais associados ao lugar, levando o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios a considerar adoptar uma carta específica dedicada ao património intangível de sítios e monumentos, o chamado “espírito do lugar”. Mas o que é o espírito do lugar? “O espírito do lugar é definido como os elementos tangíveis (edifícios, sítios, paisagens, rotas, objectos) e intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, rituais, festivais, conhecimento tradicional, valores, texturas, cores, odores, etc.) isto é, os elementos físicos e espirituais que dão sentido, emoção e mistério ao lugar.” (*Ibid*: p. 02). Esta carta não pretende separar ou distinguir os elementos tangíveis e intangíveis, mas que estes interajam entre si e se construam mutuamente, que a bem verdade não podemos observar um deles sem o outro, nem cuidar de um sem cuidar do outro. No caso de trofeus ou objectos, o material dá-nos conta de um processo de conquista que foi ou não concluído com total êxito, e o lado imaterial dá-nos conta de todo esse processo através dos testemunhos. Podemos observa-los em separado, no entanto apenas se os observarmos juntos é que teremos o máximo rigor possível e real conhecimento de todo o feito, tendo na sua plenitude “os dois lados da mesma moeda”.

No âmbito do Centro de Memórias, muitos são os testemunhos que referem lugares simbólicos de memória no universo sportinguista, lugares repletos de história, lugares comuns na maioria dos casos de memória colectiva, mas também memórias

individuais como do antigo estádio e antiga Sede da Rua do Passadiço nº86, os convívios entre funcionários e atletas como refere Leonor Roque, Victor Cândido, Bernardes Dinis, ou os irmãos Sousa Marques. As pistas do antigo Estádio de Alvalade, primeiro o velódromo, depois a pista de cinza como nos contou Pedro Matos, Joaquim Ferreira, Armando Aldegalega, Cristina Coelho, seguindo-se a pista tartã verde pela mão do antigo presidente João Rocha, e por fim a pista cor de tijolo. A antiga Nave do estádio de 1956, o Bingo, restaurantes como O´Magriço - onde trabalha António Gonçalves à largos anos e que tantas memórias têm para partilhar – os ciclos festivos como natal e a ida ao circo, galas como Rugidos de Leão na Batalha, Prémios Stromp ou memórias pessoais, como o dia em que jogaram, correram, assistiram a uma prova pela primeira vez. A primeira vez que conheceram Moniz Pereira, a primeira vez que ganharam uma prova como Carlos Lopes, Fernando Mamede, ou Domingos Castro, tudo isto associado directamente a questões emocionais não só referentes ao espaço, mas também aos resultados.

No que refere à vertente desportiva como Futebol, grandes autores como Gilberto Freyre, Roberto DaMatta, Pier Paolo, António da Silva Costa e Salomé Marivoet dão-nos conta do Futebol como um facto social (total) que permite explicar e interpretar a sociedade, quer socialmente, quer culturalmente. Em *Diz-me como jogas e te direi quem és...* de André Capraro, os autores como Freyre, DaMatta e Paolo, apesar de não serem especialistas sobre o tema do futebol viram neste, grandes potencialidades para explicar vários fenómenos sociais. No caso em específico de Gilberto Freyre autor de *Casa Grande e Senzala (1933)*, viu neste desporto e nas suas gentes a possibilidade de reforçar esta sua tese sobre a integração racial, uma vez que concluiu que no caso brasileiro o futebol é resultante de vários elementos sociais e culturais, derivados da interacção racial entre o negro, o branco europeu (neste caso o português) e o indígena. Já António da Silva Costa em *Portugal, País de futebol: graças ao futebol, a nossa Pátria é o mundo*, analisa todo o ciclo festivo associado ao futebol, especialmente em torno do Euro 2004 realizado em Portugal: “O futebol tem um papel importantíssimo a desempenhar no que diz respeito à renovação festiva da sociedade moderna, principalmente em sociedades como a portuguesa, onde a festa é um elemento fundamental e imprescindível para o seu normal funcionamento”. (COSTA: 2003, p. 01) Por outras palavras, segundo o autor, o futebol tem a capacidade de criar “a festa” à

escala local, mas também à escala global, o que no caso da cultura sportinguista tem amplo reflexo, não só através futebol e das suas modalidades, mas também através dos seus adeptos, núcleos, filiais e academias. Como sabemos o Futebol assume no mundo o papel de principal representante do desporto, despontando em si como em outras modalidades uma paleta de experiências e emoções que ficam expressas por Cláudia Dias, Nuno Corte-Real, José Cruz e António Fonseca em *Emoções no desporto: O que sabemos e o (que sentimos) que julgamos saber*, revela-nos que durante largos anos atribuía-se quase em exclusivo como factor de alteração no desporto a parte psíquica, controlada pela ansiedade. Estes autores exploram o que são as emoções e de que modo as podemos avaliar, mas não apenas de forma psicológica, mas também física. Para isso enumeram três factores que ocorrem derivados à experimentação de fortes emoções. É preciso ter em conta que estas emoções ocorrem tanto antes, como durante e no pôs, cada uma com características diferentes. Um dos elementos que ocorre é o aumento da frequência cardíaca que varia consoante a importância do adversário, que resulta também numa mudança da expressão facial que varia também com o desfecho do desafio, como sorriso em caso de vitória ou o ficar pálido com medo. Outro elemento encontra-se interligado com agressividade, passividade consoante a situação, que no caso de adeptos mais fervorosos e no pico das suas emoções pode dar azo a violência ou insuficiência cardíaca.

### **O Caso Prático**

“Sempre toda a vida, a minha vida foi o Sporting, foi o Sporting” – Moniz Pereira<sup>20</sup>

Devido à dimensão do clube e sua riqueza histórica, e de acordo com as necessidades do museu e de estágio – objecto concreto – concentramos o foco de acção na exposição temporária sobre o professor Mário Moniz Pereira, exposição essa que me iria permitir acompanhar todo o seu processo, desde o seu início até ao fim, pois a inauguração desta era antes da data em que findava o estágio.

---

<sup>20</sup> Frase dita por Moniz Pereira, no dia em que completou 94 anos de vida (11-02-2015) em entrevista à televisão do clube (Sporting Tv).

O título da exposição *A SORTE DÁ MUITO TRABALHO* desde logo nos aguça a curiosidade e nos desperta os sentidos. Mário Moniz Pereira foi um fazedor de Campeões. Mas como podem duas palavras tão distintas como a palavra sorte e trabalho, caberem na mesma frase?

Importa referir que devido à grandiosidade e multidisciplinaríssimo de Moniz Pereira em toda a sua vida, este que era conhecido como o Sr. Atletismo, deveria antes de mais ser conhecido como o Sr. Ecletismo. A exposição homenageia não só a sua enorme figura humana, mas também o atleta, o dirigente, o treinador e o amor ao clube do seu coração, de tal modo que no dia em que completou 94 anos de vida confessou à televisão do clube: “Sempre toda a vida, a minha vida foi o Sporting, foi o Sporting”. o qual era o sócio número dois quando faleceu com 95 anos de idade. De modo a conseguir abranger 95 anos de vida - 93 anos ligados ao Sporting - foram desenvolvidas duas exposições e várias actividades – a realizar - em parceria com outras instituições, como é o caso do Museu Nacional do Desporto, Museu Sporting, Centro Desportivo Nacional do Jamor, Comité Olímpico de Portugal, Museu do Fado, Faculdade de Motricidade Humana e Federação Portuguesa de Atletismo. Cada instituição ficou encarregue de assegurar a sua parte expositiva, que no caso do Museu Nacional do Desporto resultou na reconstituição da sala de trabalho de casa do professor. Nesta podemos ver uma réplica do seu piano, os documentos e apontamentos pessoais. O Museu do Fado ficou encarregue de uma tertúlia que aborda a veia fadista, compositor, e letrista de Moniz Pereira. O Museu Sporting, pretendeu representar e dignificar o seu percurso enquanto Sportinguista, enquanto atleta, treinador e dirigente, pois é uma figura ímpar na história do clube e de Portugal.

O Centro de Memórias do museu contribuiu para a exposição, através dos testemunhos de algumas das pessoas que tiveram o privilégio de lidar com o professor e crescer com ele, não apenas a nível desportivo, mas também a nível humano. Os testemunhos tornam esta uma exposição intimista, diferente, sentida na primeira, pessoa por aqueles que fazem parte desta, e por todos aqueles que a poderão visitar.

Foi fundamental efectuar uma recolha de memórias de quem lidou de perto como o professor, uma recolha que nos permite aceder através do informante e das suas memórias a um leque de momentos vividos pelos próprios, uma recolha urgente que enriquece o património do clube e permite “salvar” as memórias de quem de perto

lidou com o Moniz Pereira. Esta recolha de testemunhos permite efectuar duas acções bastante importantes: a primeira é o facto de através das vivências pessoais, estarmos a dar voz e também a retirar as pessoas do esquecimento, ou seja, do seu esquecimento interno, das suas próprias memórias e do esquecimento do público, no caso de antigos atletas que agora se encontram longe dos tempos de glória. Permite um reavivar positivo, pois neste caso o processo de recordar permite que devolvamos a estas pessoas algo que haviam perdido há muito, o contacto com um mundo desportivo que para estes poderia ter deixado de existir. E por isso podemos também aferir que esta investigação possui também uma vertente social na medida que este contacto humano permite também uma aproximação e até inclusão no restabelecimento de contactos, mas também de tempo e de lugar. O segundo benefício deste trabalho é o facto de reconstruir o passado e a história do clube, através de histórias na primeira pessoa, aquelas histórias que dão cores, cheiros e sabores à nossa imaginação, aquilo que foi vivenciado de determinada maneira por uma determinada pessoa, pois como sabemos a mesma situação é vivida de diferentes modos por diferentes pessoas que enriquecem a nossa história não só pessoal, mas também a institucional. É fundamental efectuar a preservação urgente deste património e salvar o máximo possível de memórias e histórias, pois são através destas que possibilitamos a contextualização no presente, mas sobretudo criamos uma ponte de ligação com o futuro.

### **Recolha - História Oral**

“(…) a memória aviva-se nos seus meios de memória (Nora: 1986). Sem os meios de memória, associados a um local ou a vários, as pessoas e as suas vidas seriam imagens instantâneas, fantasmáticas, sem duração.” (2014, p. 10<sup>21</sup>)

Peter Loizos em *Innovation in Ethnographic*<sup>22</sup>, diz-nos que o terreno do filme documentário é vasto, e enquanto a maioria dos filmes etnográficos são tidos como documentários, apenas uma minoria dos documentários é visto pela academia como

---

<sup>21</sup> Paula Godinho, Inês Fonseca e João Baía, (Coords.), (2014), *Resistência e/y Memória – Perspectivas Ibero-Americanas* [Documento electrónico], Lisboa: IHC-FCSH/UNL.

<sup>22</sup> Peter Loizos, (1992), *Innovation in Ethnographic Film, From Innocence to Self-consciousness 1955-1985*. p. 5-15

sendo filmes etnográficos. Anne Marie<sup>23</sup> reforça a força da fotografia em relação aos registos audiovisuais, uma vez que as fotografias têm uma maior visibilidade, pois permitem uma fácil transformação em postais e nesse caso funcionando como meio de divulgação de algo, como produtos, paisagens e memórias. As fotografias são portáteis e são um espelho do passado utilizado também nos filmes para reconstruir acontecimentos anteriores ao filme, de forma detalhada e realista. Na antropologia por a fotografia antropométrica é a pioneira, proveniente do contexto colonial, em que a fotografia proporcionava um novo meio de criar modelos humanos, como refere MacDougall em *The Visual in Anthropology*<sup>24</sup>. Só posteriormente se começam a realizar os filmes etnográficos, contudo a fotografia e o filme actuam de forma conjunta e completam-se. A narrativa dos filmes consegue ser mais poderosa, por outro lado as fotografias oferecem aquilo que não é possível encontrar nos filmes, os primórdios da imagem.<sup>25</sup>

O método de recolha de informação para o Centro de Memórias, ocorreu através da gravação de testemunhos orais em audiovisual. As pessoas foram convidadas a contar as suas histórias e a reviver momentos, trazendo para isso os seus próprios objectos pessoais. Uma vez que as entrevistas eram previamente agendadas - quando possível -, permitia aos informantes trazerem esses mesmos objectos, como fotografias, documentos, medalhas, sapatilhas ou equipamentos desportivos, e permitia também uma pesquisa prévia sobre aquelas pessoas de modo a enriquecer o conteúdo do registo. Por vezes aconteceram também recolhas de testemunhos esporádicos, em que as pessoas vêm visitar o museu, e os guias de serviço percebem que aquela pessoa tem memórias incríveis e precisam ser registadas. Nesse caso é feito o convite ao visitante e explicado o objectivo e a metodologia do Centro de Memórias. Aqui, o factor surpresa de uma entrevista inesperada, coloca tanto para o entrevistado como para a pessoa que regista, uma igualdade circunstancial de ambas as partes. Faz-se um jogo de descoberta e partilha, num ritmo desafiante, e muito marcante.

As recolhas para o centro de memória ocorreram por norma no interior da sala direcção do museu. Esta escolha assentou em vários factores: 1 – o facto de permitir

---

<sup>23</sup> Anne-Marie Willis, (1995), *Photography and Film*, University of California. p. 77-93

<sup>24</sup> David MacDougall, (1997), *The Visual in Anthropology*, Yale University. p. 277-295

<sup>25</sup> Niépce Nicéphore – criação da primeira imagem fotográfica conhecida 1826.

criar uma maior intimidade com os entrevistados, pois desse modo estes sentiam-se à vontade para falar abertamente sobre temas variados, uma vez que estávamos num espaço privado e sem assistência de terceiros. 2 – A imagem e o som, foram também determinantes à escolha daquele local. A sala tem iluminação suficiente, contudo apesar de conseguir abafar o som exterior do museu, deixa trespassar algum ruído que fica presente nos testemunhos, como é o caso do som dos aparelhos sonoros no interior do museu. 3 – Foi adoptado uma background uniforme para a recolha dos testemunhos, um fundo liso com o logotipo do Museu Sporting, que permite colocar todos os entrevistados em pé de igualdade e com a mesma dignidade, até porque estes gostam de se ver representados lado-a-lado com a imagem do seu clube. No entanto, existiram excepções nessas recolhas, ou porque foram efectuadas noutra espaço – exposição permanente, Centro de Documentação, habitação privada - ou porque o conteúdo da entrevista assim o sugeria.

No caso específico das recolhas no âmbito da exposição *A sorte dá muito trabalho*, procurei saber mais detalhadamente informações sobre Moniz Pereira, sem, no entanto, descurar a história de vida daquela pessoa que estava à minha frente a partilhar as suas memórias. No caso dos ex-atletas procurei saber detalhes da sua vida enquanto ainda criança, como surgiu o desporto na sua vida, quais os seus sonhos, como chegaram ao Sporting, como conheceram o professor e como era a personalidade dele, quais os momentos de maior alegria e quais os momentos de maior tristeza.

As fotografias e os objectos utilizados durante as entrevistas, foram um importante factor visual de recordação. Estes objectos eram trazidos pelos próprios, outras vezes eram facultadas por mim - que através do processo de pesquisa tanto da colecção em exposição, como no Centro de Documentação do clube, encontrava materiais para trabalhar, e que permitiam ligar estes ao professor ou a marcos históricos pessoais - de modo a que estes me pudessem contar mais sobre cada momento. Queria saber aquilo que estava naquele objecto que todos olhavam, mas que ninguém conseguia ver na realidade, tudo o que antecede aquela imagem e tudo o que a supera no instante seguinte, todo o processo de conquista daquele objecto, de trabalho e de luta, e o processo seguinte de glória ou de amargura. As conversas decorriam então, apoiada sobre os fragmentos de memória destes e dos objectos presentes no local.

Importa ressaltar também a importância que alguns símbolos identitários do universo Sporting como: antigos estádios, antigas sedes, cafés, ilustres atletas e personalidades ou o próprio museu – museu cede de Alvalade, e a Coleção Bernardes Dinis em Leiria - conseguem ter, efectuando uma ligação lógica e prática entre o passado e o presente, uma carga simbólica e histórica que por mais que seja “ultrapassada pelo presente” continua a manter bem vivo no imaginário e nos recantos da memória de cada uma destas pessoas as suas memórias.

“Desse modo, o enquadramento do contexto em que o próprio processo de rememoração discursiva mereceu uma análise aturada, bem como os locais e os espaços escolhidos para a sua realização, as palavras ditas – e como eram ditas -, os silêncios, as gargalhadas, o choro que acompanhava as palavras, a performance corporal, os esquemas e desenhos esboçados, os documentos e as fotografias partilhadas”. (VESPEIRA: s.d, p. 285)

Para a maioria dos meus informantes, o maior símbolo do Sporting, devido à sua grande envergadura, é o antigo estádio José Alvalade (1956-2003). Todos recordam com grande saudade aquele “monumento” pois foi construído com o esforço de todos. Lá foram batidos recordes, conseguidas muitas vitórias, conquistados muitos troféus. Foi lá que viram as conquistas do ciclismo, do atletismo e futebol. Todos se recordam das famosas “almofadas para a bola” e o facto de “cabem sempre mais um na bancada”. A porta 10A, que era por onde entravam funcionários e atletas, continua a ser um objecto de carinho de todos aqueles que passaram por ela. Felizmente a porta 10A não desapareceu e encontra-se no estádio actual, sendo a fiel representante do anterior estádio. Muitos são aqueles que infelizmente desapareceram e causam enorme saudade nos entrevistados, como é o caso de Moniz Pereira ou o ex-presidente João Rocha. É através do estádio actual que estas pessoas vão “procurar” as suas memórias em relação ao antigo estádio, no fundo também o novo estádio é um lugar de memória. Serve de rampa de comparação com o anterior, apesar de ser tão diferente e ter outros valores associados, consegue estabelecer uma ligação, ainda que esta não seja muito forte, e desse modo, ser também um forte impulsionador do processo de recordar o passado. Senti através dos meus entrevistados, no seu olhar, nos seus silêncios, nos seus gestos, um reviver de tudo aquilo por que passaram.

## **Gravação e Edição de Audiovisual (Software)**

O material para gravação e edição de audiovisual, devido ao facto de o Centro de Memórias ser uma novidade na prática de trabalho do museu, é escasso e praticamente inexistente. Por esse facto tive de recorrer a material pessoal para gravação - uma camara fotográfica Nikon d3200 (*dslr*), e *Smartphone* Microsoft Lumia 950, bem como dois tripés para a máquina fotográfica e telemóvel, e também microfones de lapela. Optei pela utilização destes dois equipamentos de registo uma vez que permite optar por mais do que um plano das conversas, o que corresponde a uma mais valia no momento da edição do audiovisual. O duplicado de planos permite também a salvaguarda adicional do conteúdo, uma vez que desse modo temos dois registos em diferentes dispositivos. Ainda que de forma simples, e não tendo formação técnica em cinema, pretendemos que esta recolha fosse efectuada com o maior rigor e qualidade possível, tendo também uma enorme preocupação com a qualidade, quer de imagem, quer de áudio, recorrendo a microfones de lapela para um som mais nítido e intimista. É importante referir que considero tão importante o objecto de estudo, como também o método de recolha e a qualidade desse mesmo material, pois podemos ter o melhor tema, o melhor orador ou as melhores paisagens, se não conseguirmos transmitir essas mesmas emoções com uma boa imagem e um bom som, a mensagem final do trabalho pode não ser passada da melhor forma. Por isso considero importante não descuidar esse lado da recolha em termos técnicos e qualitativos. Para edição de audiovisual foi utilizado o programa *Adobe Premiere CS6*. No caso específico do nosso objecto de estudo, primei por editar os testemunhos de modo a que os mesmos não tivessem informação em demasia, fossem acessíveis e de fácil compreensão, tanto por adultos, crianças, ou para pessoas com incapacidade auditiva, tendo para isso sido colocado legendas nos testemunhos.

## **Local de Estágio**

Para que se perceba de que modo ocorreu toda esta experiência de estágio, importa salientar como este decorreu, desde o início até ao fim. O primeiro contacto com o local de estágio e com o meu universo de pesquisa foi muito importante pois,

permitiu-me conhecer pessoas e espaços dentro do complexo do estádio José Alvalade, facilitando não só os contactos pessoais, bem como as movimentações espaciais.

Através de uma visita guiada de boas vindas, foi-me possível conhecer muitas informações relativas ao Sporting Clube de Portugal. Através da visita efectuada ao multidesportivo do clube - em que fiquei a par dos tipos de modalidades praticadas naquele complexo, e de outras tantas praticadas fora. Posteriormente visitei também a Academia do Sporting situada em Alcochete, vocacionada para o futebol, equipa principal masculina, equipa B masculina, equipa feminina, e camadas jovens. O museu foi o local que me permitiu conhecer as bases do clube, a sua identidade, os seus feitos e as suas ambições, modalidades, trofeus e figuras.

Transposta esta fase inicial o meu primeiro contacto com fins académicos e laborais aconteceu através dos sócios na sala de sócios do clube, situada numa sala junto ao museu. Esta sala é lhes destina e permite que estes convivam uns com os outros e socializem, conversem e interajam entre si através de jogos de tabuleiro, jogos de cartas, jogos de *snooker* ou simplesmente assistam a transmissões televisivas, podendo usufruir de instalações acolhedoras para estes. Esta abordagem teve como objectivos travar conhecimentos, apresentar-me e dar-me a conhecer. Permitiu explicar o meu trabalho, a sua importância e a envolvência necessária por parte destes. Recolhi alguns dados pessoais para posteriormente analisar. Uma vez que a proximidade de espaço entre o museu e a sala de sócios e a experiência de “vida sportinguista” destes, faz dos mesmos uma fonte de saber fundamental para trabalho do museu e seu Centro de Memórias. Depois de ter criado pontes de ligação com alguns sócios, coube-me começar a pesquisar informação disponível sobre o Sporting, momentos históricos e suas personalidades. Sobre o professor Mário Moniz Pereira - caso prático - pesquisei no Centro de Documentação do clube onde encontrei revistas, jornais, livros e fotografias.

Ao longo do estágio estive responsável/participei em várias tarefas como: pesquisa, acompanhamento/realização de visitas, registo audiovisual, edição audiovisual, formação de sistema de inventário, visitas técnicas, conteúdos museográficos para o Museu no pavilhão João Rocha, exposição *Viagem à China – 40 anos a Celebrar a Amizade através do Desporto*, exposição *A sorte dá muito trabalho – Mário Moniz Pereira*, eventos e cerimónias.

## **Apresentação dos resultados obtidos**

Exposição *A sorte dá muito trabalho* – Mário Moniz Pereira

“Uma vez, numa entrevista ocasional o repórter perguntou-lhe se não tinha sido preciso um pouco de sorte para determinados atletas seus baterem recordes europeus e mundiais, como Carlos Lopes, Fernando Mamede ou os irmãos Castro.

Moniz Pereira respondeu desta forma categórica e exemplar: «Tem razão. É preciso sorte. Mas sabe que a sorte dá muito trabalho. Se eles não treinarem todos os dias o número de horas que eu achar necessário e se não seguirem os meus métodos, não é a sorte que lhes permitirá alcançar bons resultados. De facto, a sorte dá muito trabalho!» (CORREIA: 2016, p. 220)

O trabalho desenvolvido consistiu um processo metodológico de pesquisa, recolha, preservação e divulgação do conteúdo. Numa primeira instância foi efectuado pesquisa sobre o professor e sobre os seus atletas - com maior relevo em termos de conquistas, e em termos de história em comum com o professor. Depois coube entrar em contacto com os mesmos e convida-los a contar as suas memórias e registar o máximo conteúdo possível para que nada se perdesse - depois explicar devidamente o objectivo do trabalho e de que forma poderiam ser utilizados os conteúdos. O facto de ter efectuado o registo em audiovisual, para além de ser um registo riquíssimo em termos analíticos, permite também um elevado leque de hipóteses de trabalho e de abordagem, um amplo espaço de manobra pois o detalhe audiovisual permite um elevado número de informação, não só a nível visual – através da imagem, objectos e gestual – mas também áudio – pausas, silêncios e hesitações. Uma vez registado o material da cadeia operatória, coube garantir o bom acomodamento do arquivo, guardando-o em locais externos (disco rígido externo) e internos (PC e pastas partilhadas), efectuando a sua devida “catalogação de conteúdos” de forma a que este possa ser consultado posteriormente de forma directa e organizada. Depois de devidamente delineado o “caminho” que a exposição teria, foi decidido que seriam 6 os testemunhos de maior relevo captados pelo Centro de Memórias e que seriam dispostos em 6 televisores. Cada atleta teve “o seu espaço” para falar sobre o professor, cada um deles com direito a um ecrã para se expressar e também a um objecto que estes trouxeram e que os liga ao professor. Os testemunhos escolhidos foram o de Armando

Aldegalega, Carlos Lopes, Cristina Coelho, Domingos Castro, Fernando Mamede e Leonor Moniz Pereira. A chamada cultura sportinguista, por ser um elemento identitário que caracteriza este grupo de trabalho do Centro de Memórias – através de antigos atletas, directores, sedes, estádios, fotografias, filmes e objectos - constituiu sem dúvida um importante motor, não só de arranque, mas também de trabalho contínuo até resultar na exposição, trabalho esse em constante desenvolvimento e que perdura para lá da inauguração da exposição sobre Mário Moniz Pereira.

O trabalho de recolha de memórias e história oral levado a cabo pelos museus e seus Centros de Memórias é um trabalho árduo e sem fim, de extrema importância e relevância não só para as instituições, mas para toda a comunidade envolvente no projecto de recolha e preservação da identidade pessoal e colectiva. Conversar com as pessoas, ter tempo, ouvir e registar as suas memórias, perceber a sua visão de acontecimentos passados, permite-nos criar uma obra de arte com várias cores, a várias vozes, com vários sabores, diferentes texturas e com várias finalidades. As pessoas são a peça fundamental deste trabalho, e com elas podemos preservar a história, deixando-as também serem como pequenos fragmentos que juntas perfazem uma história completa e conjunta.

O trabalho realizado pelo Centro de Memórias do Museu Sporting conseguiu assim aproximar as pessoas do museu, dar-lhes destaque inserindo-as nas rotinas do museu. Conseguiu também ser uma fonte para melhorar as narrativas da exposição permanente e temporárias do museu. Conseguiu também espaço na página do Museu Sporting no Facebook, Jornal Sporting e Sporting TV, ao serem incorporados nas suas linhas de comunicação espaços para recordar e lugares para contar a história individual de cada um. Toda esta aventura teve como desfecho a minha própria integração na equipa profissional do Museu Sporting, na área do património imaterial e identitário do clube, depois de findado o período de estágio académico.

Cada recolha de testemunhos vale por si, pelo seu informante, por aquilo que nos dá e por aquilo que nós lhe retribuimos, mas também por aquilo que este não nos conta e não nos mostra. As memórias servem para a vida, mas principalmente para depois dela.

## Bibliografia

- AIRES-BARROS, Luís., 1999. O legado da memória: os monumentos hoje e no futuro. pp. 655-666.
- ALTMAYER, Juliana., 2017. O direito ao esquecimento e o direito à memória colectiva. Parâmetros para a sua aplicação. Universidade Católica do Rio Grande Sul. 19 de Junho 2017. p. 1-29.
- CAPRARO, A.M., 2015. “Diz-me como jogas e te direis quem és...”: estilos de jogar futebol em Pasolini, Freyre e DaMatta. *História Unisinos*, 19(3), pp.283–292. Acedido em: 10 de Novembro 2017: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/8792> .
- CONCEIÇÃO DA MASSENA ARÉVALO, Marcia., s.d. Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto. pp. 1-14.
- Conferência Internacional “Museus Para Quê? Acedido em: 30 de Novembro de 2017: <http://plataforma9.com/congressos/conferencia-internacional-museus-para-que.htm> .
- CORREIA, Fernando., 2016. Vida e Obra do Senhor Atletismo. Guerra e Paz, Editores, S. A. (Edição revista e aumentada de *Moniz Pereira – Valeu a Pena*, Sete Caminhos, 2004.
- COSTA, A. da S., 2004. Portugal, País de futebol: graças ao futebol, a nossa Pátria é o mundo. *Associação Portuguesa de Sociologia - Noites de Sociologia*. p. 1–14.
- Declaração de Québec., 2008. Sobre a preservação do “*Spiritu loci*”. International Council on Monuments and Sites, Québec, Canadá. pp. 1-4.
- DIAS, Cláudia; CORTE-REAL, Nuno; CRUZ, José Fernando; FONSECA, António Manuel., 2013. Emoções no desporto: O que sabemos e o (que sentimos) que julgamos saber. *Revista de Psicología del Deporte*. Vol. 22, núm. 2, p. 473-480.
- GEERTZ, Clifford., 1973. *The Interpretation of Cultures – Selected Essays*. Basic Books, Inc., Publishers, New York. p. 1 – 478.
- GILLIAN, Rose., 2000. *Researching Visual Materials, Towards a Critical Visual Methodology*, London. p. 202-229.
- GODINHO Paula, FONSECA, Inês e BAÍA, João, (Coords.), 2014. *Resistência e/y Memória – Perspectivas Ibero-Americanas* [Documento electrónico], Lisboa:

IHC-FCSH/UNL. Acedido em: 30 de Setembro de 2017:

<https://run.unl.pt/bitstream/10362/16123/1/Resiste%CC%82ncia%20e%20Memo%CC%81ria.%20Perspectivas%20Ibero-americanas.pdf> .

- HARAWAY, Donna., 1984. «A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century», in *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. p. 149-181.
- JANTSCH SOUZA, Mariana., 2014. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. *Revista Graphos*, vol. 16, nº1. p. 91-117.
- LEAL, João., 2009. “O património imaterial e a Antropologia Portuguesa” in *Museus e Património Imaterial*, Ed. IMC.
- LOIZOS, Peter., 1992. *Inovation in Ethnographic Film, From Innocence to Self-consciousness 1955-1985*. p. 5-15
- Luz Teimosa., 2010. Realização de Luís Alves de Matos, produção: Real Ficção.
- MACDONALS, Sharon., 2006. “Patrimónios e identidades. Heranças difíceis. Identidade e relíquias nazis na Alemanha” In: *Ficções Contemporâneas - Elsa Peralta e Marta Anico*. Celta Editora.
- MACDOUGALL, David., 1997. *The Visual in Anthropology*, Yale University. p. 277-295.
- MANFRED E. Clynes e NATHAN S. Kline., 1960. «Cyborgs and Space», *Astronautics*, Setembro. p. 26-27 e 74-75.
- MARIVOET, S., 2009. Subculturas de adeptos de futebol e hostilidades violentas – O caso português no contexto europeu – *Revista de sociologia. Exclusões, poderes e (sub)culturas*. p. 1-21.
- Mesa-Redonda de Santiago do Chile ICOM., 1972. Acedido em 30 de Novembro de 2017: <https://claudiaporto.files.wordpress.com/2010/11/1972-mesa-redonda-santiago1.pdf> .
- MORPHY, Howard and BANKS, M., 1997. *Rethinking Visual Anthropology*, Yale University. p. 1- 35.
- MOURA, Dulce., s.d. Filomena Silvano (2001) - *Antropologia do Espaço. Uma Introdução*, Oeiras, Celta. pp. 115-116.

- Museus em rede. Boletim da rede portuguesa de museus., 2011. Nº 38 – Janeiro. Acedido em: 2 de Dezembro de 2017.
- RODRIGUES, Donizete., s.d. Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica. p. 1-8.
- UNESCO – Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, Paris, 17 de Outubro de 2003. Acedido em: 30 de Novembro de 2017: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf> .
- WILLIS, Anne-Marie., 1995. Photography and Film, University of California. p. 77-93.

## Anexos

### (1) - Vida e Obra de Mário Moniz Pereira

“Pode afirmar-se que a sua vida decorria como uma prova de atletismo. Se havia barreiras, ultrapassava-as. Se havia um desfalecimento súbito, ele fazia um apelo ao seu interior e recuperava. Se a meta ainda estava longe, sabia dominar o esforço com o objectivo de a atingir.” (CORREIA: 2016, p. 220)

Como vimos anteriormente, o termo Senhor Atletismo como era carinhosamente apelidado, não faz jus ao enorme ecletismo do professor, uma vez que foi atleta e treinador de várias modalidades como: Voleibol, Ginástica, Atletismo ou Ténis de Mesa, preparador físico da equipa de Futebol do Sporting C.P., bem como dirigente desportivo do mesmo clube. Foi uma figura impar na história do desporto, na música e na sociedade. A sua disciplina, as suas ambições, o método de treino, as vitórias alcançadas e os recordes batidos pelos seus atletas, fazem de Mário Moniz Pereira um exemplo de perseverança, de garra e sucesso em vários dos seus campos de acção. Começamos então por descobrir mais sobre Mário Moniz Pereira e o porquê de ser uma figura de enorme relevo a nível nacional e mundial.

Como nos descreveu Leonor Moniz Pereira – filha mais velha de Moniz Pereira - o seu pai “era uma pessoa simples, não era vaidoso e achava que a sua obrigação era superar-se a si próprio”. Superação, uma das palavras que melhor caracterizam Moniz Pereira, alguém que lutou muito pelos seus sonhos, pelos seus atletas, e por tudo aquilo que acreditava. Moniz Pereira sempre disse que o seu grande objectivo enquanto treinador de atletismo, era um dia conseguir ter um atleta que ganhasse nos Jogos Olímpicos a medalha de ouro, que subisse a bandeira portuguesa e se cantasse o hino nacional – objectivo esse que deixou escrito em 1945/1946 e viria a conseguir realizar em 1984 com a vitória de Carlos Lopes na maratona em Los Angeles, altura em que confessou em entrevistas que nesse dia “chorou como uma madalena”. Foi enumeras vezes homenageado em vida - Prémio Stromp 1964, Medalha de Mérito Desportivo em 1976 e 1984, Comenda da Ordem do Infante D. Henrique em 1980, Comenda da Ordem de Instrução Pública em 1984, Mérito em Ouro em 1985, Ordem Olímpica em 1988, Grande Oficial da Ordem do Infante D Henrique em 1991, Leão de Ouro em 2000, Leões

Honoris Sporting 2015 - mas Leonor acredita que a maior homenagem que Mário Moniz Pereira iria querer que lhe prestassem era a criação de uma pista de atletismo, no Sporting, e que se continuassem a fazer pistas de atletismo por Portugal, com melhores condições, nomeadamente pistas cobertas que possibilitassem treinos em qualquer ocasião atmosférica.

A pista de atletismo de 1977 do antigo Estádio José Alvalade (1956)<sup>26</sup> foi durante muitos anos uma enorme fonte de orgulho e conquistas como a de Fernando Mamede em 1981 em que bateu o recorde da Europa dos 10.000 metros perante uma plateia de 15 mil espectadores. O estádio e a pista eram o laboratório de Moniz Pereira, os treinadores e os atletas a sua equipa de investigação, tudo isto graças à vertente olímpica do antigo estádio que permitia o cruzamento de modalidades e experiências, algo que findou com o desaparecimento do estádio de 1956 e sua pista tartã.

Os testemunhos registados para o Centro de Memórias são claro, pois todos os entrevistados referem que o desaparecimento da pista e a não colocação da pista no novo estádio de 2003, resultou num grande desgosto para o professor pois percebeu que o clube estaria a “abandonar” aquela modalidade que tantas alegrias lhe tinha dado. Também a desistência de Fernando Mamede nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984 foi motivo de grande tristeza para Moniz Pereira, não só por Moniz Pereira não ter conseguido esse objectivo que considerava perfeitamente alcançável - Fernando Mamede era o grande favorito à vitória - mas pelo impacto negativo que iria trazer ao “depressivo” Fernando Mamede. Ainda hoje - 34 anos depois - Mamede guarda o bilhete que Moniz Pereira lhe deixou debaixo da porta do hotel em Los Angeles: “O que passou, passou. Vamos há luta”, recorda emocionado através do objecto.

O momento de maior felicidade do professor foi concedido por Carlos Lopes - nos Olímpicos de L.A de 1984, na vertente de maratona<sup>27</sup> - medalha de ouro, o mais alto reconhecimento, conquistado por Moniz Pereira que considerava o seu maior objectivo enquanto treinador, ter um atleta nos Jogos Olímpicos que ganhasse a medalha de ouro para Portugal, que se cantasse o hino e se elevasse bem alto a bandeira da pátria: “Devo dizer que, no início da minha carreira como treinador de atletismo, eu sempre

---

<sup>26</sup> Estádio José Alvalade foi inaugurado a 10 de Junho 1956 - através de uma cerimónia nunca antes vista em Portugal - e foi desactivado em 2003, altura em que todos se mudaram para o novo estádio.

<sup>27</sup> Carlos Lopes – Ouro – Jogos Olímpicos de Los Angeles 1984 – Maratona 42km

ambicionei que Portugal viesse a ter um dia atletas de categoria internacional. Já tinha ido a alguns Jogos Olímpicos e a minha ambição era a de que a bandeira portuguesa subisse ao mastro olímpico e que o hino nacional se ouvisse no Estádio Olímpico. Sei de cor os hinos de muitos países, mas nunca tinha tido o prazer de ouvir A Portuguesa.” (*ibid*: p. 112). Para além do alto nível enquanto treinador, fora dos palcos desportivos Moniz Pereira fazia de tudo para ajudar os seus atletas a nível pessoal, nomeadamente: na procura de emprego para os seus atletas, na procura de horários flexíveis de modo a garantir compatibilidade com os seus treinos, e até mesmo na procura de melhores salários para os seus atletas e melhores patrocínios. Isto porque como nos conta Leonor Moniz Pereira, o seu pai olhava sempre as pessoas no seu conjunto e nas suas necessidades pois desse modo conseguia ter melhores atletas no atletismo e atingir os seus objectivos.

Moniz Pereira era um homem de família, que aproveitava sempre que podia para estar, ou se fazer acompanhar pelos seus. Foram numerosas as vezes que Leonor Moniz Pereira - ainda criança - acompanhou o seu pai, nos treinos e em provas. Como a própria diz: “Não me importava de ter 10 tostões por cada vez que subi as escadas do José de Alvalade.”

O facto de ser um homem extremamente exigente, levava a que passasse muito tempo fora de casa – treinos, provas, competições nacionais, europeias e mundiais - e não conseguia acompanhar da melhor forma a sua família, de modo que para os compensar da sua ausência criou o Congresso Moniz Pereira. “Ele achava que as pessoas não se deviam reunir só para os casamentos baptizados e enterros, e, portanto, deviam haver outros acontecimentos familiares que juntassem as pessoas todas. Ele organizava o Congresso da família Moniz Pereira e juntava todos numa zona de Lisboa por exemplo. Os primeiros foram no Hotel do Vimeiro porque tinha espaços, piscina, cavalos e campos de ténis. Depois ele organizava uma espécie de calendário em que as pessoas se inscreviam tal e qual como se fosse para os olímpicos (...)” explicou Leonor Moniz Pereira. Reunia a máxima família possível, criava um ciclo de jogos com rigor competitivo - como se tratasse dos Jogos Olímpicos - e em que todos pudessem participar. Se uma prova era interrompida a meio, esta era continuada em outro dia a combinar com os visados na prova. Todos se divertiam e reforçavam ao mesmo tempo a união familiar,

tudo isto com a seriedade desportiva que se impunha e que Moniz Pereira nunca descurava.

No panorama desportivo, lutou até ao fim por melhores condições para os seus atletas, melhores métodos de treino, sacrificou a sua família com inúmeras ausências, mas conseguiu 30 anos depois, uma medalha de ouro para Portugal. Com tão pouco, conseguiu tão bons resultados, trofeus, medalhas, recordes olímpicos e mundiais. O seu lema “trabalho, trabalho, trabalho” não era em vão, até porque como o próprio dizia “A sorte dá muito trabalho”. O Livro de Fernando Correia *Moniz Pereira – Vida e Obra do Senhor Atletismo*, dá-nos consciência do vasto caminho que Moniz Pereira percorreu desde o início da sua infância até se tornar na referência que todos conhecemos.

“No dia 11 de Fevereiro de 1921, nasceu na Rua Gomes Freire, nº 163, primeiro esquerdo, na cidade de Lisboa, uma criança do sexo masculino a quem foi dado o nome de Mário Alberto, com os apelidos, materno e paterno, de Freire Moniz Pereira.” (*ibid*: p. 15). Da infância às férias em Sintra, na casa do seu avô paterno. Da educação no Liceu Camões e formação no INEF – Instituto Nacional de Educação Física – à vida militar, e finalmente à chegada ao Sporting - início do seu percurso no clube. Mário Moniz Pereira “fez de tudo no Sporting”, desde atleta, treinador, preparador físico e dirigente, chegou inclusive a ser vice-presidente do Conselho Directivo, responsável por todas as modalidades desportivas (exceto futebol).

“Viver é treinar e treinar é quase vencer”, esta foi uma das frases que Moniz Pereira adoptou para si próprio, depois de a ter lido numa revista brasileira. Identificou-se de tal modo com aquela máxima, que a escreveu na sua tese final do INEF, tendo-a seguido para a vida. “O treinador tem que estar sempre em acção e deve ser um bom conselheiro, acompanhando de perto os seus atletas.” (*ibid*: p. 116). Moniz Pereira refere por diversas vezes que a chave para o sucesso é treinar o máximo de vezes possível, sendo o número de exercícios mais importantes do que a qualidade técnica de cada individuo, pois como o mesmo diz, viu muitas vezes atletas tecnicamente maus a ganharem provas e atletas tecnicamente perfeitos que não conseguiam ganhar. E para justificar essas afirmações, Moniz Pereira justifica-se:

“(…) em Portugal há o culto da relva e continua a ser proibido pisá-la. Ou nos locais ou nos estádios que tenham pista de atletismo. Onde não é possível fazer

lançamentos, porque não deixam entrar no relvado. Então isto entende-se? Já agora, vou ainda mais além. Já viram que os americanos são bons no basquetebol, não é verdade? E já repararam que, na maioria das casas particulares, há uma tabela de basquete à porta e que miúdos e graúdos passam a vida a fazer lançamentos? Ninguém ensina os miúdos a fazer lançamentos tecnicamente perfeitos. Eles lançam como sabem. Vão a correr para a escola e a bater a bola. De vez em quando param e lançam num cesto dos muitos que há pelo caminho. Não vem nenhum policia a correr para lhes tirar a bola. Quando regressam a casa fazem o mesmo, dormem com a bola no quarto, começam a treinar a sério aos 13 ou 14 anos e, relativamente aos outros miúdos de outros países, em dez lançamentos metem seis ou sete, e os outros zero ou um. E os americanos são bons na modalidade. Porque será? Em Portugal, a técnica é boa. É verdade. Mas uma técnica perfeita perde qualidade quando não é executada frequentemente, todos os dias ou mais do que uma vez por dia. Isto é que se chama adaptação ao gesto, à distância e ao esforço. A técnica é importante, mas o segredo do êxito está no trabalho constante e no método a aplicar, porque é raro um atleta ter um método de trabalho igual a outro.” (*ibid*: p. 117)

A 1 de Agosto de 1975 Moniz Pereira era director técnico da federação Portuguesa de Atletismo e como tal apresentou um plano revolucionário de preparação para a modalidade, plano esse aprovado pela direcção da Federação e também pelo Ministério da Educação. Este plano tinha como objectivo preparar da melhor forma possível os atletas de Portugal para os Olímpicos de Montreal em 1976, a começar pelo simples facto de os atletas portugueses terem as mesmas oportunidades de treino que os atletas de outros países, aliando a sua qualidade técnica às vitórias. “Atualmente, não podemos admitir que os nossos atletas, que treinam 90 minutos por dia após 8 horas de trabalho, vão competir, em Montreal, com aqueles que se preparam 2 a 3 vezes por dia num total de seis horas, seguido do necessário repouso recuperador. As condições de preparação terão de ser iguais, tanto mais que, agora, possuímos atletas de verdadeira categoria internacional e que apesar da desigualdade de preparação atrás citada, têm obtido muitas vitórias no estrangeiro – verdadeiros milagres – sobre aqueles que não fazem outra coisa senão treinar, o que nos leva a concluir que o seu real potencial ainda

está por classificar e é superior ao de alguns nomes sonantes do atletismo europeu” (*ibid*: p. 140 - 141)

A ambição e a crença de Moniz Pereira em fazer campeões, não encontrou consenso e muitas foram as críticas que sofreu. A comunicação social escrevia: Luís Alves, *Jornal O Século* – “O sr. professor de educação física Mário Moniz Pereira que têm o gravíssimo defeito de amar a sua profissão como se ela fora um sacerdócio (...) cometeu agora a imprudência de advogar a presença do modesto atletismo português nos Jogos Olímpicos de Montreal (...), elaborar um programa especial de preparação para os seus atletas que, em princípio, já estão seleccionados e que vai custar ao erário público para cima de 500 contos. De mais sabe o professor Moniz Pereira na alhada em que se foi meter.” (*ibid*: p. 145) O artigo segue ainda com forte crítica, não só a Moniz Pereira bem como aos atletas dizendo que: “as medalhas olímpicas e as altas classificações só estão ao alcance dos atletas excepcionalmente dotados, entre os quais se não conta nenhum português. Aplaudimos sem reservas a presença portuguesa nos Jogos Olímpicos, mas só uma presença que seja a verdadeira imagem do país, isto é, uma presença modesta e sem ambições. Digamos, mesmo, uma presença pobre, que pode ser pobre e não perder dignidade. Entendemos que os dinheiros que vão ser gastos poderiam ser muito mais úteis se fossem canalizados para as escolas.” Já o jornal *República* publicava o seguinte: “Moniz Pereira está no Algarve a gastar o dinheiro do povo!” (*ibid*: p. 146)

Era notório o desagrado face às exigências - técnicas e financeiras -, pois parte da população portuguesa não acreditava ser possível que os portugueses fossem fazer “boa figura” no panorama internacional. É bom recordar que o país saíra de uma ditadura e ainda havia muita instabilidade na sociedade. Acontece que para surpresa da população, os resultados obtidos nos Jogos Olímpicos de Montreal de 1976, “excederam largamente as previsões, alcançando mesmo o brilhantismo, e só foram possíveis pelo trabalho intenso efectuado ao longo do ano, após a aprovação governamental do plano de preparação.” (*ibid*: p. 147)

De tal forma foram positivos que inclusive o Primeiro Ministro (à época) Mário Soares enviou um telegrama a felicitar Moniz Pereira: “Felicito excelente trabalho que tem desenvolvido há longos anos, bem expresso nos resultados agora obtidos.” (*ibid*: p. 152)

O esforço de Moniz Pereira e a revolução que provocou na preparação destes Jogos Olímpicos, mereceram grandes resultados, de destacar o seu atleta do Sporting Carlos Lopes que alcançou o segundo lugar em Atletismo nos 10.000 m, e, por conseguinte, a medalha de prata para Portugal, e Armando Marques que também foi medalha de prata na modalidade de Tiro (Fosso olímpico). Nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984, continuando a seguir os seus métodos de treino que tanto impulsionaram a modalidade em Portugal, a excelente forma física dos seus atletas portugueses levou a que Carlos Lopes ganhasse mesmo a medalha de ouro - Maratona - alcançando a primeira medalha de ouro para Portugal nos Jogos Olímpicos e alcançando também o momento áureo de Moniz Pereira, aquele que era o seu grande objectivo enquanto treinador, que era ter um atleta que participasse nos jogos Olímpicos, que subisse ao pódio, ganhasse o ouro e se ouvisse a Portuguesa com a bandeira da pátria como fundo para todo o mundo assistir, algo que até ao seu último dia de vida recordou com enorme orgulho. “Ficava de lágrimas nos olhos de emoção. Como não tenho dotes de escritor para descrever essa emoção, só posso dizer que, quando a bandeira portuguesa subiu no mastro de honra, ao som do hino nacional, chorei que nem uma Madalena... Era um sonho que ambicionava realizar, mas que não julgava ser possível, quando iniciei a minha carreira de treinador no Sporting, em 1945.” (*ibid*: p. 163)

Moniz Pereira esteve presente em 12 Jogos Olímpicos nas mais variadas condições: como jornalista, como dirigente, treinador ou espectador. A primeira vez fora em Londres em 1948 e a última foi no ano de 2000. Só faltou por duas vezes: Melbourne 1956 e Moscovo 1980. Pelo caminho, muitas foram as medalhas, recordes pessoais, nacionais, europeus e mundiais batidos pelos atletas - pelos seus atletas do Sporting, mas também por atletas de outros clubes ao serviço da selecção nacional, o que mostra que Mário Moniz Pereira sempre olhou para o desporto e para as modalidades como um todo e sempre fez tudo em prol do mesmo, elevando o nome de Portugal no mundo.

Todos estes episódios dão-nos conta da forte personalidade de Moniz Pereira, um grande treinador, em que a sua persistência o levava sempre a alcançar os seus objectivos. Contra tudo e contra todos fez história, não só pessoal, mas também a dos seus atletas, e de todas as gerações futuras, que graças a ele tiveram e têm a

oportunidade de usufruir de toda a herança desportiva deixada por Moniz Pereira, não só no atletismo, mas também em outras modalidades.

(2) - Fotografias da sala de exposições temporárias do Museu Sporting.



FIGURA 1 - SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS ANTES DA MUSEOGRAFIA DA EXPOSIÇÃO “A SORTE DÁ MUITO TRABALHO”.



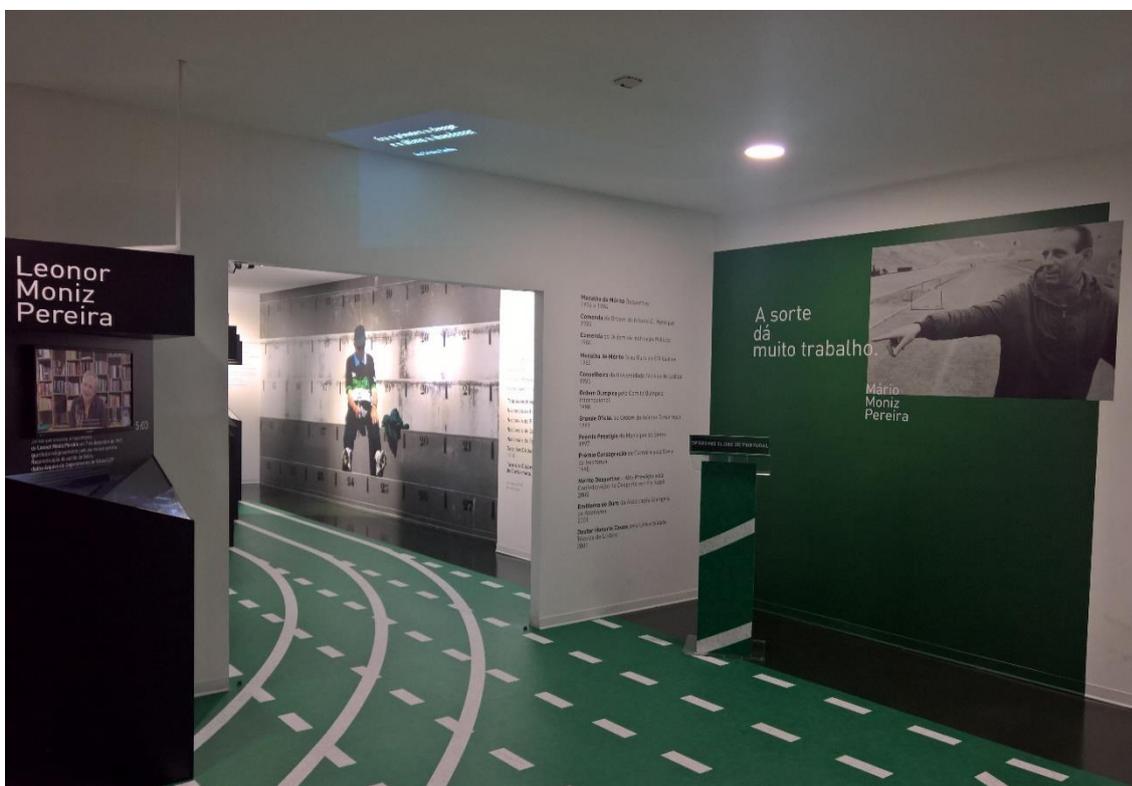
FIGURA 2 - SALA JÁ COM PARTE DA MUSEOGRAFIA APLICADA.



FIGURA 3 - SALA FINALIZADA, COM OS TOTEM'S E OS SEUS TESTEMUNHOS.



**FIGURA 4 - VISTA COMPLETA COM OS 6 TOTEM'S/TESTEMUNHOS PRESENTES NA EXPOSIÇÃO: LEONOR MONIZ PEREIRA, CARLOS LOPES, FERNANDO MAMEDE, DOMINGOS CASTRO, ARMANDO ALDEGALEGA E CRISTINA COELHO.**



**FIGURA 5 - A PISTA TARTÃ VERDE, É UMA ALUSÃO À ANTIGA PISTA DO ESTÁDIO JOSÉ ALVALADE (1956), UMA MARCA ÚNICA DO CLUBE QUE TANTAS ALEGRIAS DEU A MÁRIO MONIZ PEREIRA, AOS SEUS ATLETAS E AO SPORTING CLUBE DE PORTUGAL.**



FIGURA 6 - A INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO CONTOU COM A PRESENÇA DE MEMBROS DA DIRECÇÃO DO SPORTING CLUBE DE PORTUGAL, À DATA.



FIGURA 7 - DOMINGOS CASTRO, FOI UM DOS ATLETAS PRESENTES NA INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO, E ASSISTIU AO SEU PRÓPRIO TESTEMUNHO, ACOMPANHADO PELOS SEUS FILHOS.

(3) – *Frames* retirados dos testemunhos presentes na exposição.



**FIGURA 8 - LEONOR MONIZ PEREIRA – FILHA MAIS VELHA DE MÁRIO MONIZ PEREIRA**



**FIGURA 9 - CARLOS LOPES – MEDALHA DE OURO NOS JOGOS OLÍMPICOS DE L.A EM 1984.**



FIGURA 10 - FERNANDO MAMEDE – RECORDISTA EUROPEU E MUNDIAL.



FIGURA 11 - DOMINGOS CASTRO – VICE CAMPEÃO DO MUNDO EM ROMA EM 1987.



**FIGURA 12 - ARMANDO ALDEGALEGA – PARTICIPOU NA 1ª EDIÇÃO DA TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS DE ATLETISMO EM 1975.**



**FIGURA 43 - CRISTINA COELHO – COMEÇOU A PRATICAR ATLETISMO COM APENAS 7 ANOS DE IDADE, TENDO REPRESENTADO O SPORTING DURANTE 20 ANOS.**

(4) - Panfletos relativos às exposições sobre Mário Moniz Pereira.

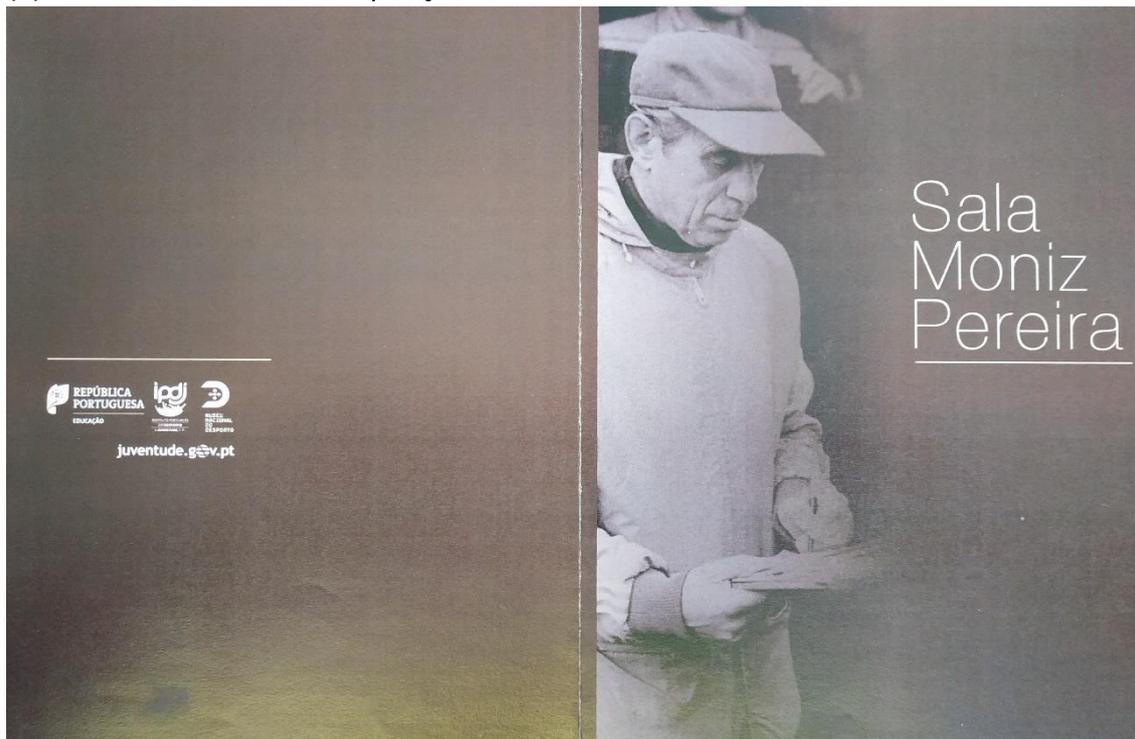


FIGURA 14 - PANFLETO DE AUTORIA DO MUSEU NACIONAL DO DESPORTO (FRENTE)



FIGURA 15 - PANFLETO DE AUTORIA DO MUSEU NACIONAL DO DESPORTO (VERSO)

“A sorte  
dá  
muito trabalho.”



Mário  
Moniz  
Pereira

## EXPOSIÇÃO

A partir do dia 27 de Março,  
no Museu Sporting  
1º piso poente  
do Estádio José Alvalade.



Até dia 23 de Setembro  
(entrada pelo Hall VIP)

FIGURA 56 - PANFLETO DE AUTORIA DO MUSEU SPORTING.